

ADÍLIO FERREIRA SOARES

**A CONTEMPLAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA DA PRIMEIRIDADE
FENOMENOLÓGICA EM PEIRCE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) encaminhado à comissão julgadora da Faculdade de São Bento como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Filosofia, sob a orientação do professor Doutor Ivo Assad Ibri.

São Paulo

2012

Soares, Adílio Ferreira.

A Contemplação como Experiência da Primeiridade Fenomenológica em Peirce. São Paulo: Faculdade de São Bento, 2012.

Graduação (Trabalho de Conclusão de Curso)

Orientação: Prof. Dr. Ivo Assad Ibri.

1. Filosofia 2. Peirce 3. Fenomenologia 4. Primeiridade

I. Título.

CDD 191

Reitor da Faculdade de São Bento

Prof. Dr. D. Carlos Eduardo Uchôa Fagundes Junior, OSB

Coordenador do Curso de Filosofia da FSB

Dr. Djalma Medeiros

ADÍLIO FERREIRA SOARES

**A CONTEMPLAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA DA PRIMEIRIDADE
FENOMENOLÓGICA EM PEIRCE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) encaminhado à comissão julgadora da Faculdade de São Bento como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Filosofia, sob a orientação do professor Doutor Ivo Assad Ibri.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ivo Assad Ibri – Orientador
FACULDADE DE SÃO BENTO

Fabíola Corbucci
Centro de Estudos de Pragmatismo – PUC/SP

Rodrigo Vieira de Almeida
Centro de Estudos de Pragmatismo – PUC/SP

“Não basta amar, é preciso manifestar amor.”

Santa Tereza de Lisieux
(Doutora da Igreja e Co-Padroeira
das missões).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jesus por estar comigo conforme prometera em Mateus 28,20. Agradeço a minha mãe, Maria das Graças, pelo exemplo de esforço e de valorização aos estudos, ao terminar o Ensino Médio em sala com seu filho, meu irmão-segundo-pai Breno, que, desde cedo, viu e incentivou em mim uma tendência à pesquisa. Agradeço ao meu pai, Ademir, pela imagem dele lendo livros num improvisado banco de pedras nos fundos do quintal. Ao meu irmão Bruno por ajudar a cuidar de minha mãe e, assim, permitir minha concentração nos estudos apesar da distância. A Priscila Lima de Jesus, pela compreensão, paciência e auxílio. A minha prima-irmã Eliane pelas excelentes traduções. A minha tia Consolação e sua família (Humberto, Pulcra e Esaú) pelo sustento espiritual e material nos momentos mais difíceis. A minha avó Cremilda e ao Breno por financiarem meu curso de inglês. Ao melhor professor que já tive, o Doutor Ivo Ibri, por auxiliar a compreensão de conteúdos complexos. À Congregação do Espírito Santo pelo curso de espanhol, noções de Psicologia e pelos primeiros semestres da Filosofia. A minha tia Penha e sua família. Ao Guilherme (Gov. Valadares) pelas tardes de estudo da Gramática. Ao Leuson por ver em mim um dom para o ensino e ao Helbert por desenvolver esse dom no curso de Oratória. A Dom Eduardo, por me dar a privilegiada oportunidade, através da bolsa-trabalho no “oásis” Biblioteca do Mosteiro, de conviver com livros, anjos (Gabriel e Rafael – outros monitores da referida biblioteca), um bondoso imperador (Cezar - bibliotecário), e um dedicado Irmão João (monge responsável pelo setor). À educação e carinho de Priscila e Nancy (secretaria) e à fraternidade de José Carlos e Geraldo (portaria). À amizade do Irmão Elias e aos conselhos de Dom João Kovas. A cada membro do qualificado e exigente corpo docente da Faculdade de São Bento. À Lígia e Helen pelo empréstimo prolongado de seus livros e pela revisão das traduções. À Vanesca (Ceará) pela disponibilidade e revisão gramatical. Ao meu primo Michael. Ao Davi e Ailton (pousada). À Fabiana e Juliana (Tivit) pela empatia. Ao Rodrigo Vieira de Almeida pela ajuda fundamental e impagável. Aos demais familiares e amigos sinceros, os quais através de gestos, palavras e orações contribuíram comigo neste percurso.

RESUMO

Este Trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações acerca do papel da Contemplação como experiência da Primeiridade fenomenológica no interior do pensamento do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce. Para atingir esse objetivo, propõe-se uma descrição da Ciência denominada Fenomenologia. Fenomenologia ou Faneroscopia é a primeira e fundamental ciência que compõe a Filosofia no interior do pensamento sistemático do autor, que também inclui as Ciências Normativas e a Metafísica científica, sobre as quais aqui se farão considerações brevíssimas, mas de grande importância. Através do entendimento do relevo e do escopo da Fenomenologia de Peirce, focar-se-á de maneira mais detida aquela que constitui a sua primeira categoria, a Primeiridade. Assim, em seguida, aborda-se a experiência de Contemplação como uma forma privilegiada da experiência pura de tal categoria, com a descrição de alguns de seus elementos característicos, da forma como cabe a um Trabalho de Conclusão de Curso.

Palavras-chave: Charles Sanders Peirce. Fenomenologia. Categorias. Primeiridade. Experiência. Contemplação. Qualidade de Sentimento.

ABSTRACT

This work aims to make some considerations about the role of Contemplation as an experience of phenomenological Firstness within the thinking of the American philosopher Charles Sanders Peirce. In order to achieve this objective a description of the Science called Phenomenology is proposed. Phenomenology or Phaneroscopy is the first and most fundamental Science that composes the Philosophy within the authors' systematic thinking, which also includes the Normative Sciences and the Scientific Metaphysics, on which will be made very brief considerations here, but of great importance. Through the understanding of the importance and the scope of Peirce's Phenomenology, the focus here shall be in a more detailed manner on that which is called its first category, Firstness. In doing so, the experience of Contemplation shall be dealt as a privileged form of pure experience of such category, with the description of some of its characteristic elements, in the way it must be done in a final work of an under graduation's course.

Keywords: Charles Sanders Peirce. Phenomenology. Categories. Firstness. Experience. Contemplation. Quality of Feeling.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A FILOSOFIA	13
1.1. A Fenomenologia.....	21
2. A PRIMEIRIDADE FENOMENOLÓGICA	26
3. A CONTEMPLAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA DA PRIMEIRIDADE FENOMENOLÓGICA	42
3.1. A qualidade de sentimento na contemplação	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

*Minha obra se destina a pessoas que **desejem pesquisar**; os que desejem a filosofia mastigada podem buscar outro rumo - há botecos filosóficos em todas as esquinas [...]*¹

Para corroborar a estrutura deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dirigir-se-á, sobretudo, aos textos originais de Peirce. Para apoiar as considerações do autor desta Pesquisa, se olhará, também, por sobre os “ombros de gigantes”², os quais conseguiram vislumbrar um *sistema* entre os artigos de revistas e manuscritos avulsos de Peirce. Por exemplo: Parker³ ao perscrutar a classificação das ciências encontra nela uma intenção peirciana em justificar aspectos sistêmicos fenomenológicos e metafísicos das categorias.

No começo de “Kósmos noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce”, Ivo Assad Ibri refere-se às categorias como “matrizes do *sistema* peirciano”⁴. Ibri

¹ PEIRCE, Charles Sanders. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/oRnzQCug/The_Collected_Papers_of_Charle.html>. Acesso em: 29 maio 2011. (volume 1-8, doravante citado *CP* seguido pelo número do volume e número do parágrafo. No caso: *CP*, 1.11). Neste parágrafo, precede o trecho citado: “Minha obra não transmite regras impositivas, mas, tal qual um tratado de matemática, apenas sugere algumas ideias e fornece algumas razões para considerá-las verdadeiras. Se o leitor aceitar as ideias sugeridas, será porque teve por boas às razões fornecidas, e a responsabilidade é dele. O homem é, essencialmente, um ser social: ser social, entretanto, é uma coisa, e ser gregário é outra; declino do papel de guia de rebanho.” Nossa tradução fora confrontada com a tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg (PEIRCE, C. S. *Semiótica e Filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 46, § 2). A tradução do verbo *to want* na terceira pessoa do presente do subjuntivo “desejem”, e não no indicativo “desejam”, como pareceria mais apropriado, é corroborada por Mota e Hegenberg, e se deve à precedência do pronome interrogativo “who (que/quem)” no original. No lugar da palavra “pesquisar”, Peirce usa “to find out”, chamamos a atenção às seguintes outras possibilidades de tradução: “Investigar com escrúpulos”; “inquirir minuciosamente”; “perquirir”.

² Invocamos aqui, a “[...] célebre frase de Isaac Newton, quando, em atitude de respeito àqueles que também contribuíram para as teorias as quais obteve resultados, expressou: *se enxerguei mais longe é porque me apoiei em ombros de gigantes*. E esse, pode-se dizer, é o processo da descoberta científica.” NOBRE, Sérgio. *Leitura Crítica da História: Reflexões sobre a História da Matemática*. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v10n3/15.pdf>. Parte deste texto foi apresentada na mesa-redonda “Orientações filosóficas da Pesquisa Qualitativa e procedimentos metodológicos assumidos nas áreas das ciências exatas e humanas, da saúde e educação” durante o II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. Bauru, março de 2004. Essa parte foi publicada In: *Ciência e Educação*. Bauru, v. 10, n. 3, set./dec. 2004.

³ PARKER, Kelly. *The continuity of Peirce’s thought*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1998. cap. 2, p. 32-33.

⁴ IBRI, Ivo A. *Kósmos noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Perspectiva : Hólón, 1992. Introdução. p. 16. O grifo é meu.

repete a fundamental posição dessas matrizes no capítulo um do mesmo livro e, já no apêndice, reitera a necessidade de “uma translúcida urdidura lógica entre as categorias” aos desejosos do entendimento sistêmico dos escritos de Peirce ⁵. No artigo “A vital importância da primeiridade na Filosofia de Peirce”, Ibri desterra a Primeiridade espreada fundamentalmente no sistema filosófico de Peirce ⁶.

M. Lucia Santaella, por sua vez, afirma: “Toda a obra de Peirce está alicerçada nessas categorias.” ⁷ Nathan Houser e Christina Kloesel defendem que a adoção das categorias como esqueleto de toda a doutrina lógica peirciana foi o que a conferiu grande unidade. ⁸ Deste modo, a quem deseja contemplar o *sistema* que aqueles “gigantes” viram, parece ser pelas categorias que deve iniciar sua investigação.

Ora, se a base categorial fenomenológica encontra-se espreada pela extensa produção de Peirce ⁹, uma explicação pormenorizada de cada uma das categorias, levando em consideração todos os escritos em que Peirce aborda tal ciência, excederia o escopo de um TCC. Por isso, escolhera-se uma cativante porta temática para adentrar o pensamento peirciano: a *contemplação* ¹⁰, enquanto um exemplo de experiência da Primeiridade fenomenológica, contextualizada no seio da tríade categorial.

⁵ IBRI, 1992, p. 130.

⁶ IBRI, Ivo A. A vital importância da primeiridade na Filosofia de Peirce. In: *Cognitio*, São Paulo, n. 3, p. 46-52. nov. 2002.

⁷ SANTAELLA, M. Lucia. *Matrizes da Linguagem e Pensamento* : sonora visual verbal : aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras : FAPESP, 2005. p. 36, § 2.

⁸ HOUSER, Nathan; KLOESEL, Christina (Eds.). *The essential Peirce: selected philosophical writings*. Bloomington: Indiana University Press, 1992. v. 1. (Doravante citado *EP* seguido do número do volume e do número da página). Introdução. p. xxvi. Além dos comentadores já citados, são exemplos de comentadores que interpretam o pensamento peirciano como um sistema coerente: MURPHEY, Murray G. *The development of Peirce's Philosophy*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1993. HAUSMAN, Carl R. *Charles S. Peirce's evolutionary Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. ALMEIDA, Rodrigo Vieira de. *Uma propedêutica para uma reflexão sobre o conceito de imortalidade do Homem na Filosofia de Charles Sanders Peirce*. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de São Bento (FSB).

⁹ “Ao morrer, em 1914, Peirce deixou nada menos do que 12 mil páginas publicadas e 90 mil páginas de manuscritos inéditos (...)” ⁹. SANTAELLA, M. Lucia; MACHADO, Irene. *Caos e ordem na mídia, cultura e sociedade*. 1999. Editorial.

¹⁰ O tema da contemplação, no contexto da Primeiridade em Peirce, foi abordado por IBRI, I. A. em dois artigos sobre a ontologia da arte: Reflections on a poetic ground in Peirce's Philosophy. In: *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. 45, n.3, p. 273-307, 2009; Sementes peircianas para uma Filosofia da arte. In: *Cognitio*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 205-219, jul./dez. 2011. ALMEIDA, R. V. (2011), no tópico sobre a Primeiridade Fenomenológica, afirma que “[...] existem experiências de pura primeiridade, cujo exemplo mais claro está na experiência de contemplação.” (p. 20). A ideia de abordar a experiência contemplativa sob o prisma da primeira categoria fenomenológica derivou do estudo dos artigos de Ibri e da dissertação de ALMEIDA, R. V. bem como, da consolidação de anotações em sala de aula referentes a cursos de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica ministrados pelo professor Ibri durante o ano de

Não se pretende, acerca do tema escolhido, lançar interpretações originais, tampouco, aventurar-se sobre extremada prepotência, a abordar-lhe todos os aspectos. Pretende-se, tão somente, introduzir-se ao conjunto da obra peirciana, por uma via tida como fundamental, as categorias, e, assim, preparar terreno para uma futura pesquisa de mestrado sobre a filosofia de Peirce. Que o fruto desta Pesquisa seja apresentar, a quem *deseje pesquisar*, o sabor do saber¹¹ que impregna a filosofia de Peirce.

Para tal fim, além do levantamento e estudo de textos referentes ao assunto, em livros, periódicos, artigos de congressos e teses afins, se recorrerá à consolidação de anotações em sala de aula e a áudios de aulas gravados, ambos, referentes aos cursos ministrados pelo *professor Doutor Ivo Assad Ibri*, ao longo de dois semestres (2011) na Faculdade de São Bento¹².

Este TCC encontra-se dividido em três capítulos. Durante a abordagem da filosofia peirciana (capítulo 1) com o objetivo de subsidiar o arcabouço conceitual mínimo necessário à explicitação do tema desta Pesquisa, tratar-se-ão, brevemente, alguns termos e doutrinas importantes, tais como: *verdade*, *experiência* (diferenciado entre as Ciências Especiais e a Filosofia, este será o conceito sobre o qual mais se demorará, devido ao seu papel no escopo deste Trabalho), *realidade* (com uma breve abordagem de uma diferença entre Peirce e Kant acerca deste conceito), *Falibilismo*, *mente* e *Idealismo Objetivo* (oposto ao Mecanicismo, Materialismo, Determinismo e Monismo dualista). Ver-se-á, também, lampejos da filosofia religiosa de Peirce.

Munido de ferramentas conceituais da Filosofia, e motivado pela sedimentada inserção de Peirce na História da Filosofia¹³, será promovido (em 1.1) um breve

2011 na Faculdade de São Bento. Apenas após o término de nossas pesquisas tomamos conhecimento da existência da dissertação de ALMEIDA, Cláudia Regina Locoselli. *A contemplação na primeiridade em Charles Sanders Peirce*. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pretendemos, em uma futura pesquisa de mestrado, confrontar o presente Trabalho com a referida dissertação de ALMEIDA, C. R. L.

¹¹ A cacofonia gerada entre as palavras “sabor” e “saber” é proposital, e visa ressaltar a proximidade filológica latina dessas palavras (anotações em sala de aula referentes ao curso de Latim ministrado pelo professor Dr. Bruno, na Faculdade de São Bento no segundo semestre de 2010).

¹² Quando se lembra de que obras importantes como as *Lectures on Ethics*, de Kant (KANT, E. *Lectures on Ethics*. Tradução para o inglês de Peter Heath. Cambridge: Cambridge University Press, 1997), constitui-se de anotações em sala de aula feitas por seus alunos, sobretudo, pelo aluno *Mrongovious* (segundo: OLIVEIRA, Mário Nogueira de. A educação na ética kantiana. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 447-460, set./dez. 2004. p. 453), há que se ter por elevada estima anotações em sala de aula referentes aos cursos ministrados pelo professor Doutor Ivo Ibri, especialista em Peirce.

¹³ “Através de Kant fui levado a um estudo admirável de Locke, Berkeley, Hume e do Organon de Aristóteles, Metafísica e tratados psicológicos. Um pouco mais tarde veio a grande vantagem de uma

levantamento histórico de possíveis prelúdios do que, posteriormente, chamou-se Fenomenologia, com ênfase em *John Locke*¹⁴. Sucederá, no mesmo tópico, uma abordagem sucinta da concepção fenomenológica peirciana.

Sob o afunilamento temático da Primeiridade fenomenológica (capítulo 2), se perquirirá o que é e o que não é possível afirmar sobre o fenômeno primeiro. Essa perquirição procederá através de algumas diferenciações entre a Primeiridade fenomenológica e a Primeiridade metafísica, e, sobretudo, entre a primeira e as outras duas categorias dos fenômenos (Segundidade e Terceiridade). Durante essas diferenciações, se abordarão, sucintamente, alguns conceitos relevantes às três categorias, tais como: *singularidade, potência* (ou, *possibilidade*), *ato, liberdade, totalidade, qualidade, talidade (suchness), ocorrência, objeto, sensação, indivíduo, outro (other, alter), díade, relação, existente, resistência, força, pensamento, mônada, necessário, diferente, quale-consciência, conceito, incognoscível, metáfora, representação, tríade, afirmar*¹⁵.

No capítulo 3, o tema desta Pesquisa, isto é, a contemplação, se apresentará naturalmente sobre o palco conceitual erigido nos capítulos anteriores. Por fim, se apontará a *qualidade de sentimento*, verdadeiro representante da Primeiridade fenomenológica, totalmente presente na contemplação, confirmando a experiência contemplativa como subsumida à primeira classe dos fenômenos (3.1).

leitura atenta, profunda e ponderada de algumas obras de pensadores medievais: Santo Agostinho, Abelardo, João de Salisbury, com fragmentos relatados por St. Tomás de Aquino e, mais especialmente, por João de Duns, o escocês [...], e por William de Ockham.” (CP 1.560). Em CP 2.38, Peirce refere-se à lógica de Epicuro, aos trabalhos cartesianos, a Malebranche, Espinosa, ao Leibnitzismo, a Wolff, Baader, Fichte, Schelling, Hegel, Schleiermacher, Schopenhauer, Von Hartmann etc. “[...] somente este estudo detido da história da filosofia permitirá um acesso ao grande edifício da filosofia de Peirce.” (IBRI, I. A. Sementes peircianas para uma Filosofia da arte. In: *Cognitio*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 205-219, jul./dez. 2011. p. 206-207).

¹⁴ Ao longo dos *Collected Papers*, Peirce cita o nome do empirista inglês *John Locke* 34 vezes.

¹⁵ Não pareceu-nos adequado apresentar a contemplação como um exemplo privilegiado de experiência da Primeiridade fenomenológica sem, antes, uma satisfatória investigação sobre a natureza da primeira categoria peirciana; por isso, o capítulo 2 tomará maior espaço que os demais.

1. A FILOSOFIA

“*Se todos os nossos desejos fossem satisfeitos, a maioria dos nossos prazeres seria destruída.*”

Richard Whateley ¹⁶

Em Peirce, a Filosofia não é concebida como mera especulação, mas torna-se uma ciência positiva ¹⁷. Não deve constituir-se apenas de reflexões a priori, mas precisa confrontar o fruto da introspecção, quer seja uma hipótese, uma indução ou dedução, com o fato bruto, com *o real*, ou, a realidade intrínseca ao objeto experienciado ¹⁸: “*O real é aquilo que é não o que eventualmente dele pensamos, mas que permanece não afetado pelo que possamos dele pensar.*” ¹⁹

Esse confronto entre o que *eventualmente pensamos* e o que *o real é* pode corrigir o pensamento e conferir-lhe *status de verdade* ²⁰, cuja essência “[...] reside em sua resistência em ser ignorada.” ²¹ Essa verdade é dotada de poder de previsibilidade, todavia, não se outorga absoluta, mas *falível* e dependente de confirmação pela experiência futura. ²²

Ora, se a verdade é algo capaz de resistir, será percebida, experienciada e, assim, encontrada, quando deparar-se com algum esforço, *vontade*, para além do pensamento agradável ao qual se está inclinado:

Após esta primeira, e em certo sentido, única regra da razão, que para aprender é preciso *vontade* de aprender e, assim, desejando não se satisfazer com o que você já está inclinado a pensar, segue-se um

¹⁶ Richard Whateley: Lógico, nascido em 1787 e falecido em 1863. A leitura da *Lógica* de Whateley, na idade de 12 ou 13 anos, muito impressionou a Peirce (PEIRCE *apud* HARDWICK, C. S. (Ed.). *Semiotics and signification: the correspondence between Charles S. Peirce and Victoria Lady Welby*. Bloomington: Indiana University Press, 1977. p. 85).

¹⁷ CP 1.241.

¹⁸ CP 2.315.

¹⁹ CP 8.12. O grifo é meu.

²⁰ IBRI, 1992, p. 32-33.

²¹ CP 2.139.

²² CP 1.141;173. IBRI, 1992, cap. 3, p. 51, § 3. SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. *Curso de semiótica geral*. São Paulo: Quartier Latim, 2007. p. 208-209. ALMEIDA, 2011, p. 132, § 1.

²² CP 6.318.

corolário que merece ser inscrito em cada muro da cidade da *Filosofia*: Não bloqueie o caminho da investigação.²³ [e ainda:] Somos, sem dúvida, predominantemente animais lógicos, mas não o somos de maneira perfeita. [...] Somos, aparentemente, constituídos de maneira tal que nos sentimos contentes e felizes na ausência de fatos com que tropeçar, como se o efeito da *experiência* fosse o de continuamente escolher nossos desejos e expectativas.²⁴

A *experiência*, no entanto, muitas vezes não satisfaz nossos desejos, nem corrobora nossas expectativas:

Estamos continuamente colidindo com o fato bruto. Esperávamos uma coisa, ou passivamente a tomávamos por admissível e tínhamos sua imagem em nossas mentes, mas a *experiência* força essa ideia ao chão e nos compele a pensar de modo muito diferente²⁵.

Na busca pela verdade, enquanto as *Ciências Especiais*²⁶ partem de uma teoria, ou método interpretativo para se relacionarem diretamente com objetos factuais exteriores à mente humana; em Filosofia, a própria teoria, interpretação, mediação, método ou o modo pelo qual o conceito é indiretamente formado na mente, podem constituir-se em objeto de estudo a ser experienciado:

Para qualquer uma das ciências especiais, experiência é aquilo que diretamente é revelado pela arte observacional daquela ciência [...] Mas em filosofia não existe uma arte observacional especial, e não existe conhecimento adquirido anteriormente à luz do qual a experiência é interpretada. A interpretação em si mesma é experiência [...] ²⁷.

²³ CP 1.135. Os grifos são meus.

²⁴ PEIRCE, 1975, p. 74. O grifo é meu.

²⁵ CP 1.324. O grifo é meu.

²⁶ Em Peirce, *Matemática, Filosofia e Ciências Especiais* constituem as três subdivisões das Ciências da Descoberta. Uma breve apresentação das subdivisões e da classificação das ciências em Peirce encontra-se no texto *An Outline Classification of the Sciences* (EP 2. 258). Toda a classificação está detalhada em *A Detailed Classification of the Sciences* (CP 1.203-83). Para um aprofundamento do tema da classificação das ciências, recomendamos o estruturado trabalho de LUCAS, Sofia Isabel Machado. *A classificação das ciências de Charles Sanders Peirce*. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica (PUC); e KENT, Beverly. *Charles S. Peirce: Logic and the classification of sciences*. Kingston and Montreal: McGill-Queen's University Press, 1987.

²⁷ CP 7.527 *apud* IBRI, 1992, p. 4.

Referindo-se à experimentação da verdade filosófica, sua resistência²⁸ é um aspecto imediato²⁹. Já o aspecto cognitivo da verdade exige uma experiência com curso de tempo: “Em filosofia, a experiência é o inteiro resultado *cognitivo* do viver [...]”³⁰ [ainda:] Experiência é o *curso* da vida.”³¹. Através dos caracteres da *resistência*, da *cognição* e do *sentimento*³², a Filosofia engloba o universo total da experiência. Observe-se a expansão peirciana do conceito de experiência para fronteiras mais extensas que aquelas comumente encontradas nas históricas discussões entre idealistas e empiristas, e, ainda, um conceito diverso do utilizado na divisão kantiana entre *fenômeno*³³ e *coisa em si*.

Diferenciar a filosofia de Peirce do transcendentalismo de Kant não é o escopo deste Trabalho. No entanto, como alguns grandes comentadores alemães³⁴ defendem uma semelhança não corroborada pelos principais comentadores utilizados nesta Pesquisa³⁵, faz-se relevante o apontamento de alguns prováveis pontos divergentes entre as filosofias de Peirce e Kant; sem, contudo, aprofundamento do tema: após Hume haver destroçado a causalidade e a indução, reduzindo a necessidade do conhecimento à mera associação entre ideias, e, assim, impossibilitado o conhecimento científico acerca do real³⁶, Kant recobra essa possibilidade pela via das categorias *a priori* do espaço e do tempo³⁷, com as quais o sujeito “produz” aquilo que pode conhecer.³⁸

Para Kant os juízos de ciências como a Física (de *Newton*), por exemplo, são verdadeiros³⁹ apenas porque consideram a “parte formal”⁴⁰, ou, os “dados puros”⁴¹ do

²⁸ CP 2.139. Citado na p. 13.

²⁹ Abordaremos melhor a ideia peirciana de “resistência” na p. 35 deste Trabalho.

³⁰ CP 7.527. O grifo é meu.

³¹ CP 1.426. O grifo é meu. Ver, também, CP 4.91.

³² Abordaremos aspectos primeiros do sentimento no capítulo 2 e, sobretudo, no tópico 3.1.

³³ Discorreremos sobre a natureza do fenômeno no tópico seguinte (1.1).

³⁴ HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. APEL, Karl Otto. C. S. Peirce and post-tarskian problem of adequate explication of the meaning of the truth: towards a transcendental-pragmatic theory of truth. In: *Transactions of the Charles S. Peirce society*. v. XVIII, nº 1, 1982. (Comentaristas da Alemanha, onde nasceu o transcendentalismo de Kant).

³⁵ Comentadores citados na Introdução deste Trabalho, p. 10-11.

³⁶ HUME, David. *Sumário do Tratado da Natureza Humana*. Tradução e notas de Anoar Aiex. São Paulo: Nacional, 1975. 58 p.

³⁷ PORTA, M. A. G. *A filosofia a partir de seus problemas*. São Paulo: Editora Loyola, 2002, cap. 1, O problema da *Crítica da razão pura*; sobretudo, a partir da p. 128.

³⁸ PORTA, 2002, p. 124.

³⁹ PORTA, 2002, p. 113.

fenômeno, os quais são acrescidos pela própria “capacidade de conhecer”⁴² (ou: “faculdade de representação”⁴³) àquilo que “recebemos através das impressões sensíveis”⁴⁴.

Para geração do conhecimento científico, universal e necessário, Kant defende que nossa atenção precisa separar aquela “parte formal”⁴⁵ do fenômeno, de sua “matéria-prima”⁴⁶ (ou: dos “dados sensoriais”⁴⁷). “[...] em termos kantianos, digamos que o sujeito só pode conhecer (e só pode conhecer *a priori*) os fenômenos, mas não as ‘coisas em si’ (*Dinge an sich*)”⁴⁸ isto é, não pode conhecer a realidade tal qual existe em si mesma. Peirce, todavia, apesar de principiar pelo estudo dos fenômenos, nega a existência de algo em si mesmo incognoscível⁴⁹, e assume uma “decidida fé na realidade”⁵⁰, inspirado no Realismo Escolástico de *Duns Scotus*⁵¹.

Não conceber a existência de algo em si mesmo e incognoscível está em coerência com aquela postura peirciana oposta à aceitação de bloqueios ao caminho da investigação filosófica.⁵² A realidade, tal qual é em si mesma, ao invés de

⁴⁰ Anotações em sala de aula referentes ao curso História da Filosofia V, ministrado pelo professor Doutor *Pedro Monticelli*, durante o primeiro semestre de 2011, na Faculdade de São Bento.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² Expressão extraída de: KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Introdução (B), p. 36, § 2.

⁴³ Anotações em sala de aula referentes ao curso História da Filosofia V, ministrado pelo professor Doutor *Pedro Monticelli*, durante o primeiro semestre de 2011, na Faculdade de São Bento.

⁴⁴ KANT, 2010. Introdução (B), p. 36, § 2.

⁴⁵ Nota 40 desta Pesquisa.

⁴⁶ Expressão extraída de: KANT, 2010. Introdução (B), p. 36, § 2.

⁴⁷ Anotações em sala de aula referentes ao curso História da Filosofia V, ministrado pelo professor Doutor *Pedro Monticelli* durante o primeiro semestre de 2011 na Faculdade de São Bento.

⁴⁸ PORTA, 2002, p. 124.

⁴⁹ IBRI, 1992, p. 63, § 1. “A recusa peirciana de qualquer tipo de apelo ao incognoscível pode ser encontrada, sobretudo, em dois textos da chamada série cognitiva: Questões concernentes a certas faculdades ditas humanas; Algumas consequências de quatro incapacidades.” (ALMEIDA, 2011, p. 40, nota 123). Ainda: “O sinequismo, certamente, não mantém relação alguma com qualquer incognoscível” (CP 7.569). A tese peirciana da tendência da mente-matéria à continuidade, ou *Sinequismo* (CP 6.272-286; 7.565-569), é muito bem introduzida por IBRI (1992, cap. 4), em correspondência com o *Idealismo Objetivo*.

⁵⁰ PEIRCE, 1975, p. 47.

⁵¹ CP 4.50. IBRI, 1992, cap. 2, p. 30, § 3. SILVEIRA, L. F. Barbosa da. O caráter dialógico e social do signo e do pensamento em Peirce. In: *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 11, p. 23-29, 1985, também rebate interpretações transcendentais da obra de Peirce, através, sobretudo, do argumento da produção social do signo, e da necessidade pragmática da exteriorização do pensamento, cuja verdade se afirma ou se nega na Realidade. Examinar, também, o contexto da afirmação: “[...] a manifestação fenomênica de uma substância é a substância”, em CP 5.313; e “Aquilo que subjaz um fenômeno e o determina é, deste modo, ele mesmo, em certa medida, um fenômeno” (CP 7.569). Ao longo deste Trabalho, voltaremos a levantar caminhos de pesquisas que, talvez, evidenciem outras diferenças entre Kant e Peirce.

⁵² Rever CP 1.135, citado entre as pp. 13-14.

incognoscível, contribui para a constante confirmação da representação, ou, provoca sua reformulação⁵³.

O indeterminismo ontológico de Peirce, sob a doutrina do *Falibilismo*, admite uma experiência errática na relação pragmática entre o geral e o particular⁵⁴. Disso decorre que o substrato eidético do conceito não é algo final, mas passível de reformulação até que, evolucionariamente, “[...] o mundo se torne um sistema perfeito, racional e simétrico, no qual a *mente* seja, por fim, cristalizada em um futuro infinitamente distante”⁵⁵.

“Mente (*mind*)” é outro termo caro ao pensamento peirciano, por exemplo, às áreas da Filosofia (tais como, Fenomenologia, Lógica ou Semiótica, Ontologia, Metafísica Religiosa; Tempo, Espaço e Leis da Natureza), e às três categorias.⁵⁶ Peirce explora a polissemia de “*mind*”⁵⁷ e, valendo-se dessa variedade semântica, não diferencia, no contexto psicológico, “mente” e “consciência”: “[...] se por *psicologia* compreendemos a positiva, ou observacional, *ciência da mente ou da consciencia* [...]”⁵⁸. No contexto filosófico, contudo, o abrangente significado de *mind* é corroborado pelo *Idealismo Objetivo* de Peirce, e não se reduz à consciência humana⁵⁹.

Ao interessado em conhecer o pensamento peirciano, enquanto um conjunto articulado e coerente, é ponto-chave o entendimento de seu Idealismo Objetivo⁶⁰: “Recusar o Idealismo Objetivo é fazer ruir, como mostramos, a estrutura categorial do pensamento peirciano; tal ruína acarretaria, é certo, o colapso lógico das demais

⁵³ IBRI, 1992, Parte II, *O mundo como realidade*; sobretudo, cap. 4. p. 63, § 6. SILVEIRA, 2007, sobretudo, p. 208-209.

⁵⁴ IBRI, 1992, cap. 3; As consequências de consequências práticas. In: *Cognitio*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 30-37, 2º sem. 2000a. p. 32, § 4.

⁵⁵ CP 6.33. O grifo é meu. IBRI, 1992, p. 51-53. 91.

⁵⁶ Em CP 4.536; 4.550-551; 7.699, todavia, no contexto semiótico da Primeiridade, ao invés de “mente”, Peirce utiliza o termo “quase-mente” (*quasi-mind*).

⁵⁷ CP 4.551.582.

⁵⁸ CP 1.310. Os grifos em itálico, sem negrito, são meus. Tradução livre do original: “[...] if by *psychology* we mean the positive, or observational, science of the mind or of consciousness [...]”

⁵⁹ IBRI, 1992, cap. 4.

⁶⁰ Conforme, por exemplo, IBRI, 1992, sobretudo, caps. 4 e 5; Sobre a identidade Ideal-Real na Filosofia de Charles S. Peirce. In: *Cognitio*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 38-45, 2º sem. 2000b; *Mentes lendo mentes*: sobre o idealismo objetivo de Peirce. São Paulo, 2010. (artigo apresentado à XIV Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF). ALMEIDA, 2011. p. 65-83, sobretudo, p. 71. DILWORTH, David A. Peirce’s Objective Idealism: A reply to T. L. Short’s ‘What was Peirce’s Objective Idealism?’ In: *Cognitio*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 53-74, jan./jun. 2011. GUARDIANO, Nicholas. The intelligibility of Peirce’s metaphysics of Objective Idealism. In: *Cognitio*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 187-204, jul./dez. 2011.

doutrinas.”⁶¹ No Idealismo Objetivo, a partir da *lei da mente*, ou seja, da tendência à aquisição de hábitos promotores da economia energética, Peirce afirma ser única a substância do universo, a qual não é a matéria, mas a mente, isto é, o substrato do cosmos não é material, mas eidético⁶². Neste universo mental, inteligente e inteligível⁶³, a matéria seria um tipo de mente mais envelhecida que a humana, cujos hábitos estão mais cristalizados e exigem maior esforço para serem rompidos⁶⁴.

Como explica Ibri⁶⁵, o Idealismo Objetivo peirciano opõe-se ao Mecanicismo assumido pela ciência pós-renascentista⁶⁶. O mecanicista acredita que “[...] todo fato no universo é precisamente determinado pela lei”⁶⁷; crença cujo corolário é o Determinismo ontológico⁶⁸, isto é, a concepção de “[...] um universo regido estritamente por uma estrutura causal”⁶⁹. Isso não quer dizer que Peirce rejeite a ciência moderna, do contrário não teria se assenhoreado “[...] de tudo quanto era então conhecido no campo da física e da química [...]”⁷⁰. Para Peirce, porém, assim como

⁶¹ IBRI, 1992, p. 82, § 3.

⁶² IBRI (consolidação de anotações em sala de aula referentes a cursos de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica ministrados no primeiro semestre de 2011 na Faculdade de São Bento).

⁶³ Inspirado na leitura do *Timeu*, de Platão, Ibri intitula seu livro (1992), sobre a arquitetura filosófica de Peirce, de *Kosmos Noetos*, que, do grego, significa Universo Inteligível (IBRI, 1992, p. 125, nota 9).

⁶⁴ CP 6.277. IBRI (consolidação de anotações em sala de aula referentes a cursos de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica ministrados no primeiro semestre de 2011 na Faculdade de São Bento). Para uma interpretação sobre o Idealismo Objetivo, diferente desta corroborada neste Trabalho, ver: SHORT, T. L. What was Peirce’s Objective Idealism? In: *Cognitio*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 333-346. jul./dez. 2010. SHORT, T. L. Reading Peirce differently: A response to David Dilworth. In: *Cognitio*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 257-271. jul./dez. 2011. HAUSMAN, 1993. Short considera que o Idealismo Objetivo não seria fundamental a um todo edifício filosófico peirciano, pois Peirce utiliza esse nome de doutrina apenas entre os anos de 1891 a 1893 e, depois disso, a doutrina haveria sofrido mudanças substanciais. Em contrapartida ao argumento de Short, os autores nos quais nos apoiamos demonstram que, embora ainda em construção, esboços elementares do Idealismo Objetivo já se apresentam desde 1868, em textos como “Questões concernentes a certas faculdades ditas humanas” e “Algumas consequências de quatro incapacidades” (EP 1.11-55) (ALMEIDA, 2011. p. 71). Demonstram, ainda, que a referida doutrina, após 1893, introduzira-se basilarmente no *Sinequismo*, ou doutrina da continuidade (ALMEIDA, 2011. p. 71). Para Hausman, o Idealismo Objetivo de Peirce, na verdade, constitui-se num Realismo cuja principal característica é “a visão de que há condições restritivas para o conhecimento e a experiência que transcendem, ou, não são redutíveis ao pensamento, mesmo quando tais processos são pensados como sendo independentes de mentes particulares ou agentes conscientes” (HAUSMAN, 1993, p.4).

⁶⁵ IBRI, 1992, caps. 3-4.

⁶⁶ IBRI, 1992, p. 44, § 2.

⁶⁷ CP 6.39.

⁶⁸ IBRI, 2011, p. 212, nota 18.

⁶⁹ IBRI, 1992, p. 61.

⁷⁰ CP 1.3. Este parágrafo é o terceiro de um interessante texto autobiográfico intitulado “Concerning the Author”, publicado em CP 1.1-14, cujos parágrafos 3-14 estão traduzidos sob o título de “A propósito do autor”, em PEIRCE, 1975, p. 43-47.

para o teísmo científico de F. E. Abbott, a ciência moderna carrega o *Realismo*⁷¹ em seu bojo⁷², e não o Mecanicismo.

Ainda conforme Ibri, a epistemologia pragmática evidencia “consequências experienciáveis” similares tanto para o Mecanicismo quanto para o Materialismo⁷³; esta última é uma doutrina que “[...] faz da matéria e de suas leis o elemento primordial do universo”⁷⁴, elemento do qual se derivaria a lei psíquica⁷⁵. Logo, o Idealismo Objetivo peirciano também rejeita o Materialismo. Para Peirce, o Mecanicismo, o Determinismo e o Materialismo são doutrinas que não deixam “[...] espaço para um Deus.”⁷⁶ Para ele, Deus, no cosmos, se manifesta mais abundantemente na liberdade e variedade casual do que no aspecto cognitivo regido pela causalidade⁷⁷.

O realismo e a epistemologia de Peirce, em correlação com seu Idealismo Objetivo, mantêm que tudo apenas será regido por leis quando, *evolucionariamente*⁷⁸, extinguir-se o sentimento, o acaso e a “bruta irracionalidade do esforço”⁷⁹, isto é, extinguir-se a Primeiridade e a Segundidade e cristalizar-se a Terceiridade⁸⁰. O Idealismo Objetivo se opõe, ainda, ao Monismo dualista⁸¹, o qual, semelhantemente ao dualismo de Descartes, defende a existência concomitante de duas substâncias: a material e a mental, em que⁸² essa última seria a fonte e o sustentáculo do conhecimento claro e distinto.⁸³

⁷¹ O Realismo, grosso modo, é uma doutrina filosófica que pressupõe a existência de um mundo externo à mente humana, crê que a mente tem acesso a este mundo e fundamenta a verdade na correspondência entre o que se diz e o que esse mundo real é em si mesmo. (Anotações em sala de aula referentes ao curso História da Filosofia VI, ministrado pelo prof. Doutor *Pedro Monticelli*, durante o segundo semestre de 2011, na Faculdade de São Bento).

⁷² CP 4.50. IBRI, 1992, cap. 2, p. 30-31.

⁷³ IBRI, 1992, cap. 6. Não se confunda, todavia, o materialismo ao qual Peirce se opõe com o Materialismo Dialético de K. Marx, sobre o qual não consta indício de que Peirce tenha tido contato, conforme IBRI, 1992, p. 59, nota de rodapé.

⁷⁴ IBRI, 1992, p. 61.

⁷⁵ CP 6.24.

⁷⁶ CP 1.162.

⁷⁷ Essa posição peirciana é próxima do romantismo de Schelling (IBRI, 2011; O significado de primeiridade em Schelling, Schopenhauer e Peirce. In: *Cognitio*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 223-234, jul./dez. 2008. Entre outros artigos do mesmo autor).

⁷⁸ Sobre particularidades do evolucionismo de Peirce, ver CP 7.515; IBRI, 1992, sobretudo, cap. 3.

⁷⁹ Expressão extraída de CP 6.201. IBRI, 1992, caps. 3-5.

⁸⁰ CP 6.33. IBRI, 1992, cap. 5, p. 91.

⁸¹ CP 6.24. IBRI, 1992, cap. 4, p. 59.

⁸² Para a construção desta e de outras orações neste Trabalho, preferimos o uso de “em que” ao invés do pronome “onde”, apesar de este último parecer comumente mais adequado. Segundo CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 20. ed. São Paulo: Nacional, 1979, p. 116-117, o uso padrão do vocábulo “onde” ainda restringe-se a “lugar físico”. Estamos conscientes,

A partir do Idealismo Objetivo, o conceito de mente em Peirce perpassa a Semiótica (ou teoria geral dos signos) e a classificação dos argumentos, nos universos interno e externo à mente humana ⁸⁴: “[...] mente é um signo se desenvolvendo de acordo com as leis da inferência.” ⁸⁵ Penetra, o conceito de mente, desde a epistemologia até os entranhas de um Teísmo que, segundo Ibri, lembra o Pantheísmo de Schelling ⁸⁶:

Assim, todo o conhecimento chega até nós por meio da observação, parte do mesmo forçado a nós de fora da mente da Natureza e parte vindo das profundezas, ou, daquele aspecto interior da mente, o qual egoicamente chamamos *nosso*, embora, na verdade, nós é que flutuemos sobre sua superfície [da mente] e pertençamos a ela mais do que [ela] nos pertence. Também não podemos afirmar que a mente, interiormente vista, é totalmente independente da mente exterior, que é o seu Criador [ou “a sua Criadora”]. ⁸⁷

Mesmo quando o objeto tomado pela filosofia é o fenômeno, este não é limitado à subjetividade de um indivíduo, posto que possui elementos universais ⁸⁸ e experienciáveis até pelo homem comum no seu dia a dia ⁸⁹. São esses “elementos universais”, presentes nos fenômenos, que a Fenomenologia buscará identificar.

todavia, do frequente uso do referido pronome em referência a lugares abstratos, desde o formalismo arcaico português até o academicismo atual, conforme demonstra o belíssimo trabalho de SOUZA, Emília Helena Portella Monteiro de. O onde e seus correlatos em *corpus* do século XVII e XVIII. In: *Tabuleiro de Letras* (Revista do programa de pós-graduação em estudo de linguagens da Universidade do Estado da Bahia - UNEB). Salvador, v. 1, n. 1, 2002?

Disponível em: http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_01/pdf/artigo_vol01_07.pdf. Acesso em 11/02/2013.

⁸³ DESCARTES, 2004. SANTAELLA, M. Lucia. *O método anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: UNESP, 2004.

⁸⁴ IBRI, 1992.

⁸⁵ CP 5.513. Sobre a classificação dos argumentos em Dedução, Indução e Hipótese (ou Inferência), ver PEIRCE, 1975, p. 147-164. IBRI, 1992, cap. 6.

⁸⁶ Ibri. Anotações em sala de aula referentes aos cursos de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica ministrados no primeiro semestre de 2011 na Faculdade de São Bento. Cf. IBRI, 2008.

⁸⁷ CP 7.558. Tradução livre do original: “Thus, all knowledge comes to us by observation, *part of it forced upon us from without from Nature's mind* and part coming from the depths of that inward aspect of mind, which we egotistically call *ours*; though in truth it is we who float upon its surface and belong to it more than it belongs to us. Nor can we affirm that the inwardly seen mind is altogether independent of the outward mind which is its Creator.” Texto de difícil tradução. À parte grifada por mim nessa citação (em itálico sem negrito) talvez se pudesse atribuir a seguinte outra tradução: “parte disso sendo forçada sobre nós a partir da Mente da Natureza”. Ver, também, CP 8.138.

⁸⁸ CP 1.246.

⁸⁹ A Filosofia para Peirce é passível de prova não apenas pelos homens mais estudiosos, mas também pelo homem mais ligado ao senso comum, conforme CP 1.241; desde que em condições físicas e psíquicas normais (SANTAELLA, 2005, p. 33).

Além da Fenomenologia, Peirce divide a Filosofia em Ciências Normativas e Metafísica⁹⁰. As categorias perpassam o mundo interior e o mundo exterior à mente humana⁹¹ e, assim, perpassam essas três divisões filosóficas⁹². Neste Trabalho, todavia, prioriza-se a Fenomenologia, da qual as outras ramificações da Filosofia extraem seus substratos lógicos⁹³: “A Fenomenologia não tem direito de apelar para a lógica, exceto para a lógica dedutiva. Ao contrário, a lógica deve ser fundada na Fenomenologia.”⁹⁴

1.1. A Fenomenologia

Poucas pessoas se preocupam com estudar lógica, pois a maioria se julga suficientemente conhecedora da arte de raciocinar. Observo, porém, que tal suficiência só é reconhecida em relação à própria inteligência, não se estendendo à dos demais homens.⁹⁵

Antes de uma investigação sobre o entendimento peirciano acerca da Fenomenologia, e dado o profundo diálogo de Peirce com a história da filosofia⁹⁶, faz-se válido o levantamento, ainda que breve, de uma hipótese sobre o surgimento da Fenomenologia na História da Filosofia⁹⁷.

A dúvida hiperbólica de *Descartes*, além de ratificar as ideias inatas, sedimentou o conhecimento advindo dos sentidos (chamado *a posteriori*) em menor grau de clareza e distinção que aquele produzido a partir da razão em si mesma (chamado *a priori*⁹⁸). O

⁹⁰ LUCAS, 2003.

⁹¹ IBRI, I. A. 1992, p. 82, § 1-3.

⁹² ALMEIDA, 2011, cap. 2.

⁹³ CP 5.39. IBRI, 1992. p. 20.

⁹⁴ CP 8.297.

⁹⁵ PEIRCE, 1975, p. 71, § 1.

⁹⁶ Conforme p. 11-12.

⁹⁷ A hipótese sobre os elementos preparatórios do surgimento da Fenomenologia na História da Filosofia, tal qual apresentada neste tópico, é fruto, sobretudo, da consolidação de anotações em sala de aula referentes aos cursos História da Filosofia V e VI, ministrados pelo prof. Doutor *Pedro Monticelli*, durante o primeiro e o segundo semestre de 2011, respectivamente, na Faculdade de São Bento.

⁹⁸ Utilizamos aqui o termo latino “*a priori*” com o sentido de independente e anterior a qualquer fato experienciado através dos sentidos, e não com o sentido cronológico, de um fato que antecede o outro na ordem do tempo, como é usual em Direito, e como Kant bem distinguiu na segunda introdução de sua primeira *Crítica* (KANT, 2010, Introdução B, p. 37).

famoso exemplo da cera, contido em *Meditações Metafísicas*, ilustra o *status* duvidoso acerca da *res extensa*⁹⁹.

Os empiristas, por sua vez, negaram o inatismo de qualquer ideia e defenderam que todos os conhecimentos se originam na experiência. Utiliza-se, aqui, a palavra “experiência” não no sentido filosófico peirciano, conforme discorrido no tópico 1, mas como sinônimo de “afecção sensorial”. Com este sentido, *John Locke* afirma: “Todo o nosso conhecimento está nela [na experiência] fundado, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento.”¹⁰⁰

Sob o peso daquela dúvida (cartesiana), porém, mesmo Locke acautelou-se ao afirmar clareza e distinção de conhecimento apenas sobre *ideias simples*¹⁰¹, “qualidades sensíveis”¹⁰², primárias ou secundárias, imprimidas nos intelectos dos homens pelo mundo exterior, tais como o aroma, a cor, o sabor, o volume e a textura (qualidades secundárias), a solidez e a extensão (qualidades primárias)¹⁰³.

Já o que o objeto real é em si mesmo, para *Locke*, não é possível saber, apenas “[...] nós imaginamos não poderem subsistir *sine re substante* [sem algo para sustentá-las], aquelas qualidades que descobrimos existir”¹⁰⁴, mas o que é esse algo, esse sustentáculo, a coisa em si mesma, a realidade fora da mente humana, todavia, “[...] nós não sabemos o que é”¹⁰⁵. O que se tem é, somente, “uma suposição de algo a que elas [as ideias simples das qualidades] pertencem e no que elas subsistem, embora não tenhamos deste suposto algo, de modo algum, qualquer ideia clara ou distinta.”¹⁰⁶

Kant, marco entre a filosofia moderna e a contemporânea, conforme dito em 1, também negou a possibilidade de conhecimento sobre a realidade em si mesma, e voltou-se para o sujeito transcendental, o qual colabora, “[...] de alguma forma (pelo menos em parte) [...]”¹⁰⁷ na constituição do fenômeno¹⁰⁸. De modo que o fenômeno se

⁹⁹ DESCARTES, 2004, cap. III. “Res extensa”, expressão latina utilizada em referência à matéria; coisa extensa, que ocupa extensão espacial.

¹⁰⁰ LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. São Paulo, Nova Cultural, 1999. Livro II, cap. I, p. 57.

¹⁰¹ LOCKE, 1999, Livro II, cap. II, p. 63.

¹⁰² LOCKE, 1999, Livro II, cap. I, p. 58.

¹⁰³ LOCKE, 1999.

¹⁰⁴ LOCKE, 1999, Livro II, cap. XXIII, § 2.

¹⁰⁵ LOCKE, 1999, Livro II, cap. XXIII, § 3.

¹⁰⁶ LOCKE, 1999, Livro II, cap. XXIII, p. 126.

¹⁰⁷ PORTA, 2002, p. 124.

constituiria num “[...] composto do que recebemos através das impressões sensíveis e daquilo que a nossa própria capacidade de conhecer (apenas posta em acção por impressões sensíveis) produz por si mesma [...]”¹⁰⁹.

Depois disso, se observa serem chamados de “realistas ingênuos”¹¹⁰ quem, antes de Descartes, fundava a verdade na correspondência entre o que se diz e o que o real é, ou seja, não duvidavam da possibilidade de conhecimento sobre o que o mundo é em si mesmo.¹¹¹ Ao estudo *classificatório* do mundo, não conforme é em si mesmo, mas tal qual *aparece* ao intelecto humano, unido ao estudo da lógica *funcional* interna desse intelecto, chamou-se, posteriormente, Fenomenologia¹¹².

Já Locke havia se referido às qualidades (gosto do açúcar, perfume da rosa, etc.) como “concepções”¹¹³ ou “aparências”¹¹⁴, o que, sob uma pesquisa mais aprofundada, poder-se-ia apontar como semente conceitual da posterior preocupação com as aparências, intrínseca à Fenomenologia¹¹⁵. Ora, não é sem fundamentada inserção nessa história da Filosofia, que Peirce afirma “[...] tenho sugerido e certamente insistido em uma *classificação* dos elementos do *faneron* [fenômeno, aparição] e, assim, das *funções* da mente [...]”¹¹⁶.

Observa-se Peirce nomear sua Fenomenologia, também, como Faneroscopia¹¹⁷, ou, Doutrina das Categorias¹¹⁸, devido à competência dessa ciência em inventariar e

¹⁰⁸ *Ibidem*.

¹⁰⁹ KANT, 2010, Introdução (B), p.36, § 2.

¹¹⁰ GUI SOLFI, Rafael Claudio. *A crítica de Hegel ao Realismo Ingênuo*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Filosofia, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Porto Alegre, 2005.

¹¹¹ GUI SOLFI, 2005.

¹¹² Anotações em sala de aula referentes ao curso História da Filosofia VI, ministrado pelo prof. Doutor Pedro Monticelli durante o segundo semestre de 2011 na Faculdade de São Bento. Curso durante o qual se estudou: HUSSERL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida: Idéias & Letras, 2006. (Como não encontramos posicionamento oficial sobre a seguinte questão, mantivemos propositalmente neste Trabalho as palavras “Idéias” (com acento) ao nos referirmos ao título e à editora da obra de Husserl, conforme consta na publicação original, anterior ao atual acordo ortográfico entre os países lusófonos).

¹¹³ LOCKE, 1999, Livro II, cap. II, p. 63.

¹¹⁴ *Ibidem*.

¹¹⁵ Anotações em sala de aula referentes ao curso História da Filosofia V ministrado pelo prof. Doutor Pedro Monticelli durante o primeiro semestre de 2011 na Faculdade de São Bento. Sobre a preocupação fenomenológica com a “aparência”, recomendamos o interessante texto de MERLEAU-PONTY, Maurice. A dúvida de Cézanne. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

¹¹⁶ CP 1.350. Os Grifos são meus. Apesar de Peirce, neste parágrafo, demonstrar preocupação com “as funções da mente”, é preciso, no entanto, não limitar a Fenomenologia peirciana à Psicologia (ALMEIDA, 2011, p. 19).

¹¹⁷ CP 1.284.

¹¹⁸ CP 1.280.

reunir em três grandes classes ou categorias (Primeiridade, Segundidade e Terceiridade ¹¹⁹) os “elementos logicamente indecomponíveis” ¹²⁰ encontrados através do escrutínio dos *fanerons*. Compreendendo por *faneron* o “[...] total coletivo de tudo aquilo que está de qualquer modo presente na mente” ¹²¹, ou, ainda, “qualquer coisa presente à mente, em qualquer momento e em qualquer aspecto.” ¹²²

Ao adentrar-se no capítulo seguinte, sobre a Primeiridade fenomenológica em Peirce, o leitor poderá se ver tentado pela *autoridade* ¹²³, pela *tradição*, ou mesmo pelo *raciocínio*, a confundir a mera observação fenomênica com considerações sobre os *fatos* além dos *fanerons*, por isso, o próprio Peirce adverte:

O grande esforço do estudante [de Faneroscopia] é não se deixar influenciar por nenhuma *tradição*, nenhuma *autoridade*, nenhuma *razão* ou quaisquer fantasias para supor tal e qual devem ser os *fatos*; e confinar-se à observação honesta e determinada das aparências. ¹²⁴

Pertencerão à Metafísica científica de Peirce ¹²⁵ as investigações que partem do estudo das aparências fenomênicas ¹²⁶ para erguerem especulações ou hipóteses acerca de como “devem ser os fatos” ¹²⁷ (fora e independentemente da mente humana) ¹²⁸. Em si mesma, no entanto:

¹¹⁹ No Inglês: *Firstness*, *Secondness* e *Thirdness*. As categorias peircianas estão descritas em: Primeiridade, CP 1.300-321; Segundidade, CP 1.322-336; Terceiridade, CP 1.337-349. Para melhor compreendê-las, todavia, recomendamos um início de leitura em CP 1.284, e um prolongamento até CP 1.353.

¹²⁰ CP 1.288.

¹²¹ CP 1.284.

¹²² EP 2.260.

¹²³ Ver o princípio da autoridade como método fixador de crenças em PEIRCE, 1975, p. 71-92, sobretudo, p. 80-81; 87-88.

¹²⁴ CP 1.287. Os grifos são meus.

¹²⁵ Embora a Metafísica não seja a finalidade deste Trabalho, IBRI, 1992, cap. 2, apresenta os argumentos peircianos para o resgate do valor científico da metafísica. A quem interessar o tema da primeira categoria ampliada para além da Fenomenologia, sugerimos a leitura de IBRI, 1992, sobretudo, cap. 1, p. 12-13, e caps. 3-5.

¹²⁶ IBRI, 1992, cap. 2, p. 21, § 2.

¹²⁷ Expressão extraída de CP 1.287, citado mais acima nesta mesma página 25.

¹²⁸ IBRI, 1992, cap. 2, § 2.

Ela [a Faneroscopia] não assume e, mesmo, diligentemente evita explicações hipotéticas de qualquer tipo. Ela simplesmente escrutiniza [ou faz um inventário] das aparências diretas, e se esforça para combinar precisão minuciosa com a mais ampla generalização possível.¹²⁹

Ora, essas mais amplas generalizações possíveis daqueles “elementos logicamente indecomponíveis”¹³⁰, ou, “tipos universais”¹³¹, que “nunca estão ausentes”¹³² nos *fanerons* (ou, nas aparências), nada mais são que as categorias peircianas¹³³, cuja primeira, sob o prisma fenomenológico, e tipificada na experiência contemplativa, é o escopo desta Pesquisa.

Deste modo:

O que eu denomino *Faneroscopia* é aquele estudo que, suportado pela observação direta dos Fanerons, e generalizando suas observações, sinaliza várias classes muito amplas de Fanerons; descreve as características de cada uma; mostra que embora elas estejam tão intrinsecamente misturadas que nenhuma pode ficar isolada, é, porém, evidente que suas características são bastante desiguais. Prova-se, então, sem dúvida, que uma pequena lista compreende todas essas categorias mais amplas de Fanerons que existem; e, finalmente, prossegue para a trabalhosa e difícil tarefa de enumerar as principais subdivisões dessas categorias.¹³⁴

Por isso, embora a Doutrina das Categorias seja indiferente quanto à fonte dos fenômenos (externa ou interna à mente humana)¹³⁵, o capítulo seguinte, sobre a primeira categoria fenomenológica, ocupa-se apenas daquilo que aparece à consciência: “A concepção de categoria, no universo da Fenomenologia de Peirce, restringe-se a modos de ser das aparências [...]”¹³⁶, sem indagar a origem, e:

¹²⁹ CP 1.287.

¹³⁰ CP 1.288.

¹³¹ EP 2.260.

¹³² CP 5.41.

¹³³ Citadas na p. 24 deste Trabalho.

¹³⁴ CP 1.286.

¹³⁵ IBRI, 1992, cap. 1, p. 5, § 7.

¹³⁶ IBRI, 1992, p. 21, § 1.

[...] sem qualquer consideração se isto corresponde ou não a qualquer coisa real ¹³⁷. [Deste modo:] Ficará claro, pelo que foi dito, que a Faneroscopia não tem nada a ver com a questão de até que ponto os *Fanerons* que ela estuda correspondem a quaisquer realidades. Ela religiosamente se abstém de toda especulação quanto a quaisquer relações entre suas categorias e os fatos fisiológicos, cerebrinos ou outros. ¹³⁸

2. A PRIMEIRIDADE FENOMENOLÓGICA ¹³⁹

“Há na vida algo pior que o fracasso, é não haver feito a tentativa.”

Roosevelt ¹⁴⁰

Ibri ¹⁴¹ defende que “singularidade” refere-se à Primeiridade metafísica (ontológica), pois esta é a melhor tradução para “haecceitas”, palavra latina tomada por Peirce do escolástico medieval Duns Scotus ¹⁴². De fato, Peirce utiliza “hecceity” como sinônimo de “thisness” (“istidade”), a *qualidade* não descritiva de um individual ¹⁴³; e qualquer qualidade, “contida em si mesma” ¹⁴⁴, pertence ao universo primeiro ¹⁴⁵.

¹³⁷ CP 1.284.

¹³⁸ CP 1.287.

¹³⁹ Conforme pré-anunciamos na Introdução deste Trabalho (p. 12), discorreremos sobre os caracteres da Primeiridade concomitantemente a algumas de suas diferenças da Segundidade e da Terceiridade. Pareceu-nos relevante, também, tangenciarmos algumas poucas características da Primeiridade metafísica, a fim de melhor especificarmos a Primeiridade fenomenológica.

¹⁴⁰ ROOSEVELT *apud* AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de (Org.). *Sabedoria em gotas*. Lorena: Cleofas, 2004. p. 94. A inspiração para a escolha da epígrafe deste capítulo advém da leitura de IBRI (1992) e da participação nos cursos de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica, ministrados por esse professor Doutor em 2011, na Faculdade de São Bento. De onde o autor deste Trabalho trouxe para sua vida o aprendizado pragmático da importância da “tentativa”, do sair de si mesmo, da ação, da *manifestação* (por isso a escolha da epígrafe deste Trabalho, p. 5), do mostrar-se pelo lado de fora, do relacionar-se com algo exterior a si próprio, do atualizar-se, isto é, do deixar de ser meramente possível, da concretização de uma potencialidade (IBRI, 1992, p. 96), da produção de *frutos*, quer sejam de sucesso ou de fracasso, mas frutos que possam sofrer a reação da alteridade como condição de efetiva existência e significância. De acordo com a lógica pragmática de Peirce, podemos conhecer o significado de algo através de suas *consequências práticas* (CP 5.9) ou, como Ibri bem as chama, *consequências experienciáveis* (IBRI, 1992, p. 101; 2000a, p. 33), ou, simplesmente, “*frutos*”: “Ela [a doutrina pragmática] é, tão somente, uma aplicação do único princípio de lógica que foi recomendado por Jesus: ‘podemos conhecê-los pelos seus frutos’” (CP 5.402).

¹⁴¹ IBRI *apud* ALMEIDA, 2011, p. 19, nota 29.

¹⁴² CP 6.318.

¹⁴³ CP 1.341.

¹⁴⁴ CP 1.304. Citado na p. 30.

É no sentido da atualização da qualidade em um individual, que Ibri também utiliza a expressão “*objetos singulares*” em contexto segundo ¹⁴⁶. Conforme se abordará mais à frente (neste mesmo capítulo), todo *objeto* possui caracteres da Segundidade. Disso decorre que, para Ibri, há também, uma singularidade objetiva, isto é, a Segundidade também possui uma singularidade; não, porém, a singularidade *potencial* e não resistente da qualidade primeira, mas uma singularidade *atualizada* em algo diferente de outro, ou seja, detentora de caracteres em relação a algo mais ¹⁴⁷, caracteres não meramente em si mesmos ¹⁴⁸.

Busquem-se em Aristóteles ¹⁴⁹ as noções de *ato* e *potência*, as quais parecem subjacentes à filosofia peirciana. Por “ato” Aristóteles entende aquilo que já foi possível (potencial). O ato *necessita* da possibilidade para ser o que é. O impossível não se atualiza. Por “aquilo que é possível” (potência), todavia, entenda-se algo que é em si e por si, que não necessita de nada mais. Ser possível é condição necessária para que algo se atualize, mas a mera possibilidade não necessita atualizar-se para ser o que é. Logo, o atual pressupõe outra coisa, ainda que essa outra coisa seja simplesmente aquela mera possibilidade.

Assim, afirma Peirce: “a primeira categoria, então, é qualidade de sentimento, ou o que quer que seja tal qual é, positivamente, e *sem relação com nada mais*.” ¹⁵⁰ Ora, se somente aquilo que é meramente possível é privado de relacionar-se com algo mais, o primeiro, mesmo ampliado do campo fenomenológico para o metafísico, deve conservar um aspecto potencial ¹⁵¹: “Talidade [*Sucheness*], ou, o modo de ser da mônada, *é a mera possibilidade* do existente.” ¹⁵²

Na álgebra elementar, o numeral cardinal “dois” pressupõe o numeral cardinal “um”. O numeral cardinal “três” pressupõe outros dois numerais cardinais. Mas o numeral cardinal “um”, ou “uma”, é total, em si, não depende de nada para ser o que é.

¹⁴⁵ CP 1.303.

¹⁴⁶ IBRI, 1992, p. 28, § 6. Os grifos são meus.

¹⁴⁷ Conforme definição de díade na p. 33 deste Trabalho.

¹⁴⁸ Conforme definição de mônada na p. 37 deste Trabalho.

¹⁴⁹ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Texto em grego com ensaio introdutório, tradução e comentário de G. Reale. Tradução para o português de Marcelo Perine. v. I, II e III. São Paulo: Loyola, 2002.

¹⁵⁰ CP 5.44.

¹⁵¹ CP 1.304. Citado na página 32.

¹⁵² CP 1.456. Os grifos são meus. Nesta passagem Peirce refere-se à Primeiridade metafísica. “talidade” e “mônada” serão mais bem definidas nas p. 31 e 37, respectivamente. Por hora, assumam-se esses termos como próprios à Primeiridade.

Semelhantemente, o primeiro, enquanto mera possibilidade, de nada depende, e tudo que existe o pressupõe.

O que antecede, logicamente, qualquer atualidade existente (segundidade) e qualquer atualidade permanente (terceiridade)? O que está presente na mente de modo não limitável pela fronteira de um conceito, e, que, ao mesmo tempo, é comum a toda uma gama de fenômenos, a ponto de nos permitir reuni-los sob uma mesma categoria? O que é geral, universal ¹⁵³ e, no entanto, não envolve número, ainda que ilimitado, de individuais, como o faz uma regra ou um conceito? Responde-se: a universalidade da *possibilidade* ¹⁵⁴. Ser meramente possível é a característica universal irreduzível dos fenômenos subsumidos à primeira categoria. A *possibilidade* é a forma lógica da primeiridade ¹⁵⁵.

A condição lógica para que algo agora exista, é ter sido *primeiramente* possível. Santaella assim define a possibilidade primeira: “Possibilidade significa aquilo que ainda não é, que ainda não se realizou. É da ordem daquilo que *logicamente precede a existência*. Lógica monádica em que a discriminação ainda não exerceu o seu papel.” ¹⁵⁶

Não obstante, o que diferencia a possibilidade numérica dos existentes (atuais, particulares, distintos) pertencentes a um mesmo conceito, da possibilidade primeira? A *liberdade* ¹⁵⁷. A universalidade terceira do conceito geral consiste na previsão das predicções comuns dos individuais (particulares) a ele subsumidos ¹⁵⁸. Na terceiridade, a possibilidade futura dos eventos (ocorrências, fatos) é coagida, restringida, pela lei ou regra geral ¹⁵⁹:

[...] eventos futuros tem uma tendência a se conformarem à regra geral. ¹⁶⁰ [Ainda:] Uma lei da natureza, então, será por ele [pelo

¹⁵³ Referimos-nos aqui, ao sentido aristotélico de “universal”: “universal é aquilo que pode ser predicado de muitos.” ARISTÓTLE. *The works of Aristotle*. Chicago: The University of Chicago, 1989, p. 26.

¹⁵⁴ Conforme IBRI, 1992. ALMEIDA, 2011, p. 20.

¹⁵⁵ IBRI (1992), p. 11, § 4, afirma que “[...] a forma lógica deste estado de consciência [da qualidade de sentimento] é a mera possibilidade”. ALMEIDA (2011), p. 20, diz: “A forma lógica da primeiridade é a possibilidade. A primeiridade é a categoria do possível.”. Conferir, também: CP 1.304.

¹⁵⁶ SANTAELLA, 2005, p. 212-213. Os grifos são meus.

¹⁵⁷ Peirce afirma a liberdade como um caractere primeiro em, por exemplo, CP 1.302; 357.

¹⁵⁸ IBRI, 1992, 33, § 1.

¹⁵⁹ Ibrri (anotações em sala de aula, curso de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica, ministrado no primeiro semestre de 2011, na Faculdade de São Bento). Cf. IBRI, 1992, p. 32-33.

¹⁶⁰ CP 1.26.

realista escolástico] considerada como tendo um tipo de *esse in futuro*. Isso é o mesmo que dizer que eles têm uma realidade presente que consiste no fato de que os eventos *ocorrerão* de acordo com a formulação dessas leis. ¹⁶¹

A universalidade da possibilidade primeira, todavia, não se relaciona com o futuro ¹⁶². A possibilidade da Primeiridade não é definida, mas sim *livre* de fatos ou leis; ou seja, é irrestrita, infinita, indeterminada, isto é, não possui o conceito ou qualquer outra determinação anterior, não possui “outro atrás de si determinando suas ações” ¹⁶³. Se não possui antecedente que “diga” como deve ser sua conduta, ou seja, exerça previsões sobre ele (o primeiro), as experiências que tipificam a primeira categoria fenomenológica, por exemplo, a Arte ¹⁶⁴ poética, não podem sequer serem consideradas falsas: “Ouvi você dizer: ‘Nada disso é *fato*; é poesia.’ *Nonsense!* Má poesia é falsa, eu aceito; mas *nada é mais verdadeiro do que a verdadeira poesia.*” ¹⁶⁵

No que diz respeito àquele termo, “singular” ¹⁶⁶, Santaella, por sua vez, o utiliza como sinônimo de “particular”; em relação às partes do todo, ao uno entre o múltiplo, àquilo que diferencia um individual de outro, à Segundidade semiótica ¹⁶⁷. Ao referir-se, por exemplo, ao sin-signo (signo peirciano associado à segunda categoria), Santaella observa: “O prefixo *sin* sugere a ideia de único, *singular*, aqui e agora.” ¹⁶⁸

Afirme-se, ao lado de Ibri ¹⁶⁹, que a Primeiridade metafísica é singular; mas que se dirá, contudo, da Primeiridade fenomenológica? Diga-se: ela é *total*. O termo “totality” (totalidade) é empregado no contexto manifesto fenomenologicamente primeiro das qualidades de sentimento ¹⁷⁰, as quais, conforme se verá melhor em 3.1, são os verdadeiros representantes psíquicos da primeira categoria. ¹⁷¹

¹⁶¹ CP 5.48 *apud* IBRI, 1992, p. 32.

¹⁶² IBRI, 1992, p. 11, § 4. Caps. 3; 5.

¹⁶³ CP 1.302.

¹⁶⁴ Ibri aponta a Arte como exemplo de manifestação da primeiridade em, por exemplo: 1992, cap. 2. p. 25-29; cap. 6. p. 109, § 2.

¹⁶⁵ CP 1.315. Os grifos são meus.

¹⁶⁶ Sobre o qual se falou nas p. 26-27 deste Trabalho.

¹⁶⁷ SANTAELLA, 2005, por exemplo, p. 152.

¹⁶⁸ SANTAELLA, 2005, p. 196, § 3. O segundo grifo é meu.

¹⁶⁹ Conforme dito na p. 26 deste Trabalho.

¹⁷⁰ CP 5.113, por exemplo.

¹⁷¹ CP 5.44.

Uma qualidade de sentimento é “completamente contida em si mesma”¹⁷², isto é, possui seus caracteres sem relações com nada mais¹⁷³. Qualquer qualidade possui caracteres meramente em si mesmos, possíveis, ou, potenciais, desatualizados, desencarnados, “desocorridos”¹⁷⁴, independentes de quaisquer sujeitos nos quais eventualmente ocorram, ou, se atualizem; de modo que, mesmo quando uma qualidade aparece inerente a um indivíduo, nele estão subsumidos aqueles caracteres em si próprios, da qualidade primeira¹⁷⁵, assim como, na álgebra elementar, no número dois está subsumido o número um.

Manifesta isso o fato de que, a individualização, ou, atualização de uma qualidade num individual, não a impossibilita de ser experienciada sob a Primeiridade¹⁷⁶, pois uma qualidade “[...] não é limitada a algum sujeito definitivo”¹⁷⁷, a exemplo do modo como a qualidade de vermelho (*redness*)¹⁷⁸ pode ser imaginada sem realização, isto é, em sua forma possível:

[...] Essa mera *qualidade*, ou *talidade* (*suchness*), não é em si uma *ocorrência*, como é ver um *objeto* vermelho; ela é um simples poder-ser. Seu ser consiste apenas no fato de que *poderia haver* tal peculiar, positiva, talidade em um Faneron. Quando eu digo que isto é uma qualidade, eu não quero dizer que é inerente a [um] sujeito. Este é um Faneron peculiar a um pensamento metafísico, não envolvido ele mesmo na *sensação*, e, portanto, não na qualidade de sentimento, a qual é completamente contida em si mesma, e substituída na *sensação* atual [...] Uma qualidade de sentimento, parece-me, pode ser

¹⁷² CP 1.304. Citado na próxima página.

¹⁷³ Conforme definição de mônada na p. 38 deste Trabalho.

¹⁷⁴ O prefixo latino “des” significa “ausência de” ou “falta de” (anotações em sala de aula referentes ao curso de Latim ministrado pelo professor Dr. Bruno, na Faculdade de São Bento no segundo semestre de 2010), como o sentimento primeiro não é “[...] uma ocorrência” (CP 1.307), geramos o neologismo “desocorridos”.

¹⁷⁵ SANTAELLA (2005) dá a entender que a Terceiridade engloba a Segundidade e a Primeiridade; e a Segundidade engloba a Primeiridade. Logo, como a noção de indivíduo pertence à Segundidade (p. 34 deste Trabalho), deduzimos que a qualidade de sentimento, verdadeiro representante da primeira categoria (CP 5.44), deve estar subsumida na noção de indivíduo. IBRI, 2011, p. 210, aceita que na Terceiridade coabitam as outras duas categorias, mas, se destaca (Ibri) das interpretações mais correntes da obra peirciana ao afirmar que “[...] as categorias *não são* onipresentes, mas podem se caracterizar na sua tônica principal, a saber, a unidade de consciência como pura primeiridade e a reação bruta como pura segundidade.” Mais subsídios para uma discussão sobre esta temática podem fluir do estudo de CP 1.292-293.346.

¹⁷⁶ ALMEIDA, 2011, p. 20: “Qualquer qualidade atual ou possível é um exemplo de primeiridade, com a ressalva que, se tratando de uma qualidade atual, ela será exemplo de primeiridade quando essa qualidade for abstraída do individual que a incorpora.”

¹⁷⁷ CP 1.332.

¹⁷⁸ Ver CP 1.303.

imaginada sem qualquer *ocorrência*. Seu simples pode-ser [may-being] não necessita de nenhuma realização.¹⁷⁹

Há alguns termos nessa citação, grifados pelo autor desta Pesquisa (em itálico, sem negrito), os quais, depois de esclarecidos, tornam-se valiosos a uma explanação em termos gerais sobre a primeira categoria:

Primeiro: *Talidade* (suchness), segundo Santaella, é a qualidade enquanto possibilidade, imaterializada, reduzida a si mesma; é a qualidade de ser primeiro, *tal qual é*, em si mesmo, “sem relação com nenhuma outra coisa.”¹⁸⁰

Segundo: *ocorrência*, fato, acontecimento, evento, conforme explica Ibri¹⁸¹, não são termos apropriados à Primeiridade, pois segundo o próprio Peirce:

Um sentimento, então, não é um evento, uma ocorrência, um acontecimento [*coming to pass*], uma vez que um acontecimento não pode ser tal a menos que existisse um tempo em que ele não aconteceu; e, assim, ele [o acontecimento] não é em si mesmo tudo que ele é, mas é relativo a um estado anterior.¹⁸²

Terceiro: “*objeto*” remete àquilo que objetiva, reage, resiste a algo mais; àquilo que se impõe e opõe à *vontade*¹⁸³ da consciência, e a descontinua, limita, restringe¹⁸⁴.

Quarto: se a qualidade de sentimento é “substituída na sensação atual”¹⁸⁵, *sensação* e sentimento primeiro são diferentes: “Ele [o primeiro] também é algo vívido e consciente porque só assim pode evitar ser objeto de alguma sensação.”¹⁸⁶ “Sensação” é um termo mais adequado ao choque perceptivo frente a uma qualidade

¹⁷⁹ CP 1.304. Os grifos sem negrito são meus.

¹⁸⁰ SANTAELLA (2005), p. 211-213.

¹⁸¹ IBRI, 1992, p. 11.

¹⁸² CP 1.307.

¹⁸³ Peirce relaciona percepção objetiva, vontade e Segundidade, de modo implícito, por exemplo, em CP 1.304: “O primeiro é predominante em sentimento, em oposição à percepção objetiva, vontade e pensamento.” E explicita essa relação: “Em sentido e vontade, existem reações de Segundidade entre o *ego* e o *não-ego* (cujo não-ego pode ser um objeto de consciência direta).” (CP 1.325). Ainda: “[...] diadismo puro é um ato de vontade arbitrária ou de força cega [...]” (CP 1.328). Ver também: CP 1.320; 323.

¹⁸⁴ CP 5.459, por exemplo.

¹⁸⁵ CP 1.304. Citado na p. 30.

¹⁸⁶ CP 1.357.

objetivada, a qual envolve mudança, por iniciar ou findar um estado de sentimento.¹⁸⁷

Este choque perceptivo insere uma dualidade ao trazer o senso de exterioridade, e:

[...] está presente em toda sensação, significando por sensação a iniciação de um estado de sentimento; [...] quando um “romper de ouvido” [*ear-splitting*], ou, um “arrebentar de alma” [*soul-bursting*] do apito da locomotiva começa, há uma sensação, que cessa quando o guincho [som do apito - *screech*] vai continuando por alguma fração considerável de minuto; e no momento em que ele para há uma segunda sensação. Entre elas há um estado de sentimento.¹⁸⁸

A totalidade ou unidade primeira é em si e por si, e nada a precede¹⁸⁹. Trata-se de “[...] simples qualidades de totalidades incapazes de corporificação completa [...]”¹⁹⁰ Já a totalidade da Terceiridade é aquela da relação necessária entre acontecimentos concebivelmente definidos, corporificados, ou, entre “experimentos fenomênicos concebíveis”¹⁹¹ e os conceitos¹⁹², entre particulares e gerais¹⁹³.

Ela, a totalidade terceira, sucede e diminui a *resistência* do objeto, através da produção do conhecimento, que corresponde a previsões acerca dos caracteres das outras ocorrências possíveis subordinadas a um conceito¹⁹⁴. Deste modo, pode-se dizer que a totalidade ou unidade terceira, ao contrário da não precedida totalidade primeira, é

¹⁸⁷ CP 1.332.

¹⁸⁸ CP 1.332.

¹⁸⁹ CP 1.357. Rever o contexto da expressão “[...] daquilo que logicamente *precede* a existência.” SANTAELLA, 2005, p. 212-213 (citação na p. 30 deste Trabalho. O grifo é meu). Ainda: “O mundo interno foi primeiro, e sua *unidade* advém daquela primeiridade. O mundo externo foi segundo [...]” (NEM, p. 141, *apud* IBRI, 1992, p. 88). O grifo é meu. Essa fala pertence ao contexto metafísico da cosmologia peirciana. Trazida aqui, todavia, para resaltar a relevante antecedência do interno sobre o externo, da ideia que gera a ação, do estudo fenomenológico que subsidia o ontológico (IBRI, 1992, cap. 2, p. 20-21). Embora a Metafísica não seja o escopo deste Trabalho, informamos que, em textos sobre cosmologia, conforme explica IBRI, 1992, cap. 5, Peirce falará de um “nada germinal”, que “é possibilidade absolutamente indefinida e ilimitada” (CP 6.217); um “puro zero” “anterior a todo primeiro” (*Ibidem*), a todas as existências e a todas as permanências geradoras de conceitos. Essa possibilidade é originadora das categorias, e é de onde veio, casualmente, esse universo, entre infinitas possibilidades, como as possibilidades de um dado de infinitas faces (IBRI, 1992, sobretudo, a partir da p. 44, § 2).

¹⁹⁰ IBRI, 1992, cap. 5, p. 203.

¹⁹¹ Expressão extraída de EP 2.332.

¹⁹² EP 2.332. ALMEIDA, 2011, p. 97.

¹⁹³ IBRI, 2000a, p. 32.

¹⁹⁴ Ibrí (anotações em sala de aula, curso de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica, ministrado no primeiro semestre de 2011, na Faculdade de São Bento). Cf. IBRI, 1992, p. 32-33.

*obtida, após certo esforço*¹⁹⁵: “Mas na unidade sintética de Kant a ideia de Terceiridade é predominante. Essa é uma unidade *obtida*; e teria sido mais bem chamada *totalidade*; [...]”¹⁹⁶.

O fenômeno primeiro é total, mas não no sentido em que um *indivíduo* é suficiente, independente de todos os outros dentro de um grupo. Em Peirce, a noção de *indivíduo* pertence à Segundidade¹⁹⁷, pois individualizar-se implica em diferenciar-se de *outro*¹⁹⁸, e “[...] *outro* [other] é meramente um sinônimo do numeral ordinal *segundo*.”¹⁹⁹

Desse modo, a individualização introduz uma *díade*, a forma lógica elementar da segunda categoria:

Uma díade será uma ideia elementar de algo que possuiria tais caracteres tal como possui relativamente a alguma outra coisa [...] ²⁰⁰. A *díade* consiste de dois *sujeitos* trazidos em unidade. ²⁰¹ [...] A díade é o fato. ²⁰² [Ainda:] díade é um fato individual, como ela existencialmente é; e *não há nela generalidade*. ²⁰³

Se o primeiro possuir alguma generalidade ou *vagueza*²⁰⁴, certamente não será a generalidade de nada que envolva *relação*; sequer relação com outra generalidade ²⁰⁵.

¹⁹⁵ Abordaremos sucintamente a relação entre *esforço* e *resistência* numa “consciência bipolar” da Segundidade, conforme CP 1.24, na p. 35 desta Pesquisa. Ver, ainda, a noção peirciana de “esforço” em CP 1.320-324.

¹⁹⁶ CP 1.302. Os grifos são meus. Como o escopo deste capítulo é apenas apresentar a primeira categoria de modo que, no capítulo seguinte, a contemplação possa apresentar-se como experiência que tipifica a Primeiridade fenomenológica, queira, o interessado em mais diferenças entre a totalidade primeira e a totalidade terceira, remeter-se à noção de *continuum* em IBRI, 1992, sobretudo, cap. 4, entre outras publicações do mesmo autor, citadas nas referências finais deste Trabalho. As diferenças entre a totalidade ou *continuum* da Primeiridade e a totalidade ou *continuum* da Terceiridade, expressas neste parágrafo, foram construídas, também, a partir de Ibri (anotações em sala de aula, curso de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica, ministrado no primeiro semestre de 2011 na Faculdade de São Bento).

¹⁹⁷ IBRI, 1992, p. 8, § 1; p. 32-33; 82, § 1. ALMEIDA, 2011, p. 22. Ver, também, NEM, p. 135-136, *apud* IBRI, 1992, p. 84.

¹⁹⁸ IBRI, 1992, p. 7, § 5-7.

¹⁹⁹ CP 6.216. Os grifos são meus. Ver, também, “Otherness”, a qualidade de ser outro, em CP 1.296; 451.

²⁰⁰ CP 1.292.

²⁰¹ CP 1.326.

²⁰² CP 1.327, parágrafo no qual há um interessante exemplo de díade extraído do Gênesis, capítulo um (contexto da criação bíblica).

²⁰³ CP 1.328. Os grifos são meus

²⁰⁴ A expressão “ideia vaga” é usada por Peirce em relação à Primeiridade, em CP 1.537.

²⁰⁵ Neste ponto se estabelece um diálogo complementar com ALMEIDA, 2011: “A forma lógica da primeiridade é a possibilidade. A primeiridade é a categoria do possível. O que significa isso? Significa

Por isso, um individual não possuiria a generalidade do primeiro mesmo se o *outro*, com o qual esse individual se relaciona, não passasse do geral que lhe deu origem. “Ele [o primeiro] deve ser fresco e novo, porque se velho já é um segundo em *relação* ao seu estado *anterior*.”²⁰⁶ Se não há anterior e antecedente, na vagueza do primeiro também não há relação de causa e efeito: “Ele deve ser principiante e original, espontâneo e livre porque senão seria um segundo em *relação* a uma *causa*.”²⁰⁷

A totalidade da Primeiridade fenomenológica seria aquela de uma vida inteira constituída apenas de uma única qualidade²⁰⁸ vívida²⁰⁹; uma totalidade *não existente*²¹⁰, pois:

Existência é puramente diádica. [Por isso,] O ser de uma qualidade monádica é uma mera potencialidade, sem existência.²¹¹ [Ainda:] Existência é aquele modo de ser que reside em oposição a outro. [...] Uma coisa sem oposições, *ipso facto* não existe.²¹²

A etimologia latina da palavra “*existe*” já sugere um mínimo de dois elementos²¹³: “*ex est*”²¹⁴, ou “*ex sists*”²¹⁵, remete-nos àquilo que “é fora”, que saiu, ou, derivou de *outro*²¹⁶. Ora, uma vida que nunca foi nada além de uma qualidade²¹⁷ não “*ex sists*”.

que o possível é uma forma de *generalidade*, melhor seria dizer *vagueza*, exatamente porque não está determinado, por isso ele é em si e singular, se houver uma determinação, esse algo deixa de ser meramente possível e se torna algo particular, este e não aquele outro possível, e então já estaremos no terreno da segundidade.” (p. 20). Os grifos são meus. Na p. 22, ALMEIDA (2011) utiliza a expressão “*em relação a*” em contexto segundo.

²⁰⁶ CP 1.357. Os grifos são meus.

²⁰⁷ CP 1.357. Os grifos são meus.

²⁰⁸ CP 1.304.

²⁰⁹ CP 1.357.

²¹⁰ Segundo IBRI, 1992, p. 8, § 2; p. 84, § 1; SANTAELLA (2004), em Peirce, a existência se dá pela negação imediata em relação com algo mais, ou seja, no contexto da Segundidade.

²¹¹ CP 1.328.

²¹² CP 1.457.

²¹³ A construção deste parágrafo se deu a partir de três fontes: 1 - anotações em sala de aula referentes ao curso de Latim ministrado pelo professor Doutor Bruno na Faculdade de São Bento no segundo semestre de 2010. 2 - TORRINHA, Francisco. Dicionário Latino-Português. 7. ed. Porto: Gráficos Reunidos, 1997. 3 - Os textos de Peirce e de seus comentadores, citados no mesmo parágrafo.

²¹⁴ Anotações em sala de aula referentes ao curso de Latim ministrado pelo professor Doutor Bruno na Faculdade de São Bento no segundo semestre de 2010.

²¹⁵ CP 8.191.

²¹⁶ Anotações em sala de aula referentes ao curso de Latim ministrado pelo professor Doutor Bruno na Faculdade de São Bento no segundo semestre de 2010. Neste sentido, o prof. Bruno explicou o não contraditório significado monoteísta da frase: “Deus não existe”. Como Princípio de todas as coisas, Deus não saiu ou derivou de nada. Por isso, explicara o prof. Bruno, a expressão “Deus é” é mais adequada que

A título de curiosidade, observe-se que, embora o inglês, língua materna de Peirce, origine-se majoritariamente de línguas anglo-saxônicas e germânicas, a palavra “*exit*”, “saída”, possui influência latina e remete-nos a “fora disto”, ou, “sair disso”, pois “ex” do latim traz a ideia de “fora”, e “It” significa “isso”, ou, “isto”²¹⁸. Ora, ser “isso” já implica, imediatamente, em não ser aquilo²¹⁹: eis a díade, eis a Segundidade²²⁰.

O primeiro não é existente justamente porque não envolve qualquer relação de *alteridade*²²¹, de oposição, tampouco, de complementaridade, tal qual procede entre o todo e a parte²²². A ausência de relação e, conseqüentemente, de unidade individual (particular) parece ser o sentido da afirmação peirciana: “[...] ele [o primeiro] não tem nenhuma unidade nem partes.”²²³

Se, para a totalidade da primeira categoria, não há alteridade, também não há *resistência*, pois só há resistência onde há, no mínimo, *duas coisas*:

Agora não pode haver *resistência* onde nada há da natureza da luta, ou, ação poderosa [que envolva força]. Por luta eu devo explicar que quero dizer ação mútua entre *duas coisas* [...] ²²⁴. Eu exemplifico isso quanto você coloca seu ombro contra uma porta e tenta forçá-la a abrir-se, mas sofre uma *resistência* invisível, silenciosa e desconhecida. Temos aí uma consciência bipolar de esforço e *resistência* [...] Eu chamo a isso Segundidade.²²⁵

a expressão “Deus existe”. Daí o próprio texto Bíblico trazer Deus se apresentando na sarça ardente a Moisés como “Aquele que é (*Iahwe*)”, ao invés de “Aquele que existe”; como “Eu sou”, ao invés de “Eu existo” (Êxodo 3,15-18).

²¹⁷ Ver CP 1.304.

²¹⁸ Anotações em sala de aula referentes ao curso de Latim ministrado pelo professor Doutor Bruno na Faculdade de São Bento no segundo semestre de 2010.

²¹⁹ IBRI, 1992, p. 84. ALMEIDA, 2011, p. 20: “[...] *este* e não aquele outro possível, e então já estaremos no terreno da segundidade.” O grifo é meu.

²²⁰ *Ibidem*.

²²¹ IBRI, 1992, p. 84, § 1. “Alter”, do latim: outro (TORRINHA, 1997).

²²² IBRI, 1992, p. 7-8; 28-30.

²²³ CP 1.357.

²²⁴ CP 1.322. Os grifos são meus.

²²⁵ CP 1.24. Os grifos são meus. Nessa e noutras passagens, traduzimos “*instance*” pelo substantivo “exemplo”, ou pelo verbo “exemplificar” e suas conjugações, pois descobrimos que o uso da palavra “*instance*” como sinônimo de “ocorrência” é recente. Ver, também, CP 1.320, parágrafo curto no qual Peirce insiste cinco vezes na palavra resistência (*resistance*), ao exemplificar o fenômeno contendedor da genuína Segundidade, diferenciando-o do sentimento primário.

É o caráter reativo, objetor, do resistente que permite a identificação do existente²²⁶, ao ponto de Peirce afirmar que reagir a outra coisa é o significado de “existir”: “Quando nós dizemos que uma coisa *existe*, o que nós *significamos* é que essa coisa *reage* com outras coisas.”²²⁷

Se o primeiro nem sequer existe, em qual sentido se pode afirmá-lo *total*? Conforme dito²²⁸, o primeiro é total no sentido de “contido em si mesmo”: “[...] Primeiridade é predominante [...] por causa do seu estado de *contido em si mesmo*”.²²⁹ Trata-se, conforme dito também, de uma totalidade inexistente²³⁰, por não haver outro para ela e, logo, não haver nada que lhe exerça *força*: “[...] existência é uma questão de *força cega*.”²³¹ Conforme dito²³², ainda, a totalidade primeira não é aquela totalidade terceira, logo, não está englobada no *pensamento* sintético, pois:

[...] nas três categorias de fenômeno mental nós temos: o sentimento ou qualidade, a ação de oposição, e o *pensamento sintético*.²³³ Parece, então, que as verdadeiras categorias da consciência são: primeira, sentimento, a consciência que pode ser incluída com um instante de tempo, consciência passiva de qualidade, sem reconhecimento ou análise; segunda, consciência de interrupção no campo da consciência, sentido de resistência, de um fato externo, de alguma outra coisa; terceira, consciência sintética, ligação com o tempo, sentido de aprendizagem, pensamento.²³⁴

Se o pensamento é terceiro, o fenômeno primeiro pode ser, sequer, um pensamento articulado: “Ele [o primeiro] não pode ser articuladamente pensado”²³⁵, a não ser “[...] em sua capacidade como mera possibilidade; mera *mente* capaz de pensar ou uma mera ideia vaga”²³⁶. Ao referir-se ao fenômeno primeiro como uma “ideia

²²⁶ CP 1.324; 3.612; 5.429; 7.534. IBRI, p. 7-8; 84.

²²⁷ CP 7.534. Os itálicos sem negrito são meus.

²²⁸ P. 30.

²²⁹ CP 1.302. Os grifos são meus. No lugar da expressão “estado de contido em si mesmo”, Peirce utiliza “self-containedness”, que também se poderia traduzir por: “qualidade de contido em si mesmo”.

²³⁰ P. 34-35.

²³¹ CP 1.329. O grifo é meu.

²³² P. 32-33.

²³³ CP 1.350. Os grifos são meus.

²³⁴ CP 1.377 *apud* IBRI, 1992, p. 13-14.

²³⁵ CP 1.357.

²³⁶ CP 1.537.

vaga”²³⁷, Peirce deixa entender que este tipo de fenômeno não é, sequer, uma ideia definida. Talvez por isso, Santaella afirma que algo em estado de possibilidade só pode ser “[...] uma *quase-ideia*, a quase-visão interior a caminho de uma forma ainda não capturada que os criadores conhecem bem.”²³⁸

Deste modo, a forma lógica elementar da Primeiridade não pode ser outra senão a *mônada*. Mônada é a maior redução lógica possível de um fenômeno primeiro: “Uma mônada significará um elemento que, a menos que ele seja pensado como sendo aplicável a algum sujeito, não tem outros caracteres do que esses que são completos em si *sem qualquer referência a mais alguma coisa*.”²³⁹

Mesmo “a ideia pura de uma *mônada*”, a qual se enquadra bem no contexto das qualidades primeiras metafísicas, todavia, não é um exemplo perfeito da mera possibilidade da Primeiridade fenomenológica, indeterminada, pois, na mônada, enquanto ideia, já “Deve haver alguma *determinação*, ou talidade (*suchness*), senão nós deveríamos pensar absolutamente nada”²⁴⁰.

Na consciência primeira não há segundo nem terceiro, logo, não há nada *diferente* do primeiro. O primeiro não é semelhante, tampouco, diferente a nada. Para que algo seja diferente é *necessário*²⁴¹ haver outro, um segundo. Se não há nenhuma diferença, não há dois, mas um só. Nada é perfeitamente igual a não ser a si mesmo. E na afirmação de que algo é igual a si mesmo, não há “mais alguma coisa”, mas a própria coisa: “Mas um sentimento não é um estado simples que é outro do que uma reprodução exata dele mesmo.”²⁴²

Usamos, no parágrafo anterior, a expressão “consciência primeira”, mas nem o conceito de “consciência” é perfeitamente adequado para tratarmos o primeiro. Daí

²³⁷ CP 1.537.

²³⁸ SANTAELLA, 2005, p. 213, § 1. O Grifo é meu. Ver, também, CP 1.285, no qual Peirce apresenta considerações favoráveis e contrárias ao sentido no qual filósofos ingleses empregam a palavra “*idea* (ideia)”.

²³⁹ CP 1.292. Os grifos são meus. Para melhor aprendizado das categorias fenomenológicas, sugerimos o prévio estudo dos conceitos de Mônada, Díade e Tríade, introduzidos, por exemplo, em CP 1.292-293.346; pois estes são os “elementos que não se decompõem” (CP 1.294), ou, as formas lógicas irredutíveis das categorias peircianas.

²⁴⁰ CP 1.303. O grifo é meu.

²⁴¹ “Necessário”, em filosofia, é aquilo cujo contrário é uma contradição, ou, cujo ser diferentemente é impossível. (Anotações em sala de aula ao longo dos três primeiros anos da Graduação).

²⁴² CP 1.307. Neste trecho optamos por traduzir “single” por “simples”, embora a tradução mais comum seja “único(a)”.

Peirce chamar de *quale*-consciência (*quale*-consciousness) à mente unificada a uma qualidade, por exemplo, um verde intenso “visto com os olhos normais ou imaginários”²⁴³. A *quale*-consciência primeira é distinta daquela intensificada pela atenção objetiva (ao objeto)²⁴⁴, que instantaneamente traz a consciência de si (self-consciousness)²⁴⁵ e, assim, introduz a dupla-consciência (double-consciousness) da Segundidade²⁴⁶.

A *quale*-consciência é, também, distinta desta consciência comparativa agora utilizada pelo autor desta Pesquisa para afirmar semelhanças ou dessemelhanças, pois:

[...] é em si mesma o que ela é por si mesma, sem referência a nenhuma outra. É absurdo dizer que uma *quale* considerada em si mesma é semelhante ou dessemelhante a outra. Embora a consciência comparativa as pronuncie sendo semelhantes, apenas são semelhantes para a consciência comparativa, mas, em si mesmas, não são semelhantes nem dessemelhantes.²⁴⁷

Ao primeiro, não é perfeitamente adequado chamar, sequer, de *conceito*. Pelo menos não no sentido em que Peirce utiliza o termo “conceito” em correspondência a “símbolo”, àquilo que representa uma coisa para outra coisa e que não se iguala a nenhuma dessas duas coisas, como ocorre, por exemplo, em:

Então, se um conceito pode ser definido com precisão como uma combinação de outros, e se estes outros não são de estrutura mais complicada do que o conceito definido, [...] ²⁴⁸ [Ainda:] A ideia pura de uma *mônada* não é aquela de um objeto. Pois um objeto contrasta muito comigo. Mas ela está muito mais próxima de um objeto do que de um *conceito* de ego [eu], o que é ainda mais complexo.²⁴⁹

Não apenas a Primeiridade, mas também a Segundidade e a Terceiridade são formas lógicas tão elementares, irreduzíveis, e não analíticas, que “Talvez não seja

²⁴³ CP 6.222.

²⁴⁴ *Ibidem*.

²⁴⁵ Conforme, por exemplo, CP 6.155.

²⁴⁶ CP 1.324; 8.266.

²⁴⁷ CP 6.224.

²⁴⁸ CP 1.294.

²⁴⁹ CP 1.303.

adequado chamar essas categorias de conceitos; elas são tão intangíveis que são preferencialmente chamadas de tons ou matizes ao invés de conceitos.”²⁵⁰

Um conceito, para não ser vazio, contraditório, para sua significação possível, *necessita* da possibilidade de *figurar*²⁵¹ em ao menos um particular²⁵² cognoscível. Diz-se “cognoscível” porque se por “conceito” entende-se aquilo que significa outra coisa, um conceito de algo *incognoscível*, isto é, que não possa significar nada, é auto-contraditório²⁵³. Essa posição pragmática é ponto divergente entre Peirce e Kant, pois, este último, defende “conceitos vazios” de significados possíveis²⁵⁴, por exemplo: “a coisa em si” (*Das ding an sich*), também chamada “noumenon”; em oposição ao “phenomenon” (fenômeno), à “aparição”, à “coisa em mim” ou “para mim”²⁵⁵.

Além da necessária relação de complementaridade contínua entre o geral e o particular²⁵⁶, presentes na formulação e perene reformulação do conceito²⁵⁷; há, também, necessidade nas relações de semelhança e diferença entre os particulares pertencentes a um mesmo conceito. Não é perfeitamente adequado dizer, porém, que o primeiro, em si, é *necessário* a nada mais, pois, para ele, como fora dito até aqui, não há algo mais.

A linguagem conceitual, simbólica, verbal não é de natureza primeira, sensível, mas terceira, racional²⁵⁸. O recurso ao *dizer* imagético e “desconstruído” da metáfora é uma tentativa de apreender e comunicar algo “para o qual as palavras são incompetentes quando em seu universo de origem”²⁵⁹. Por isso, Hausman²⁶⁰ defende que o uso *icônico*²⁶¹ de metáforas é valioso à tentativa de *dizer* algo sobre a imediaticidade do

²⁵⁰ CP 1.353.

²⁵¹ “Figurar”: termo emprestado por IBRI, 2000a, p. 32, da filosofia de Schelling para a de Peirce.

²⁵² IBRI, 1992, p. 101; 2000a, p. 32, § 1.

²⁵³ IBRI, 1992, caps. 3-4, sobretudo, p. 63.

²⁵⁴ IBRI, 1992, p. 101.

²⁵⁵ KANT, 2010.

²⁵⁶ Embora necessária, a relação entre o geral e o particular não é propriamente de determinação causal. Remetemos o leitor interessado em investigar essa minúcia a IBRI, 2000a, p. 32, a partir do § 1.

²⁵⁷ IBRI, 2000a, p. 32, a partir do § 1.

²⁵⁸ SANTAELLA, 2005, cap. VI.

²⁵⁹ IBRI, 2011, p. 215.

²⁶⁰ HAUSMAN, Carl. *Metaphor and Art: interactionism and reference in the verbal and nonverbal arts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

²⁶¹ *Ícones* são signos peircianos mais próximos à Primeiridade que às outras duas categorias (SANTAELLA. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983).

fenômeno primeiro, ou, sobre qualquer experiência que se coloque fora do tempo e do espaço.

Basta lembrar-se da dificuldade agostiniana em conceituar o instante presente sem limitar-se a metaforizá-lo, sem recorrer a palavras de natureza espacial (aqui, antes, depois, anterior, posterior, etc.), e sem limitá-lo à mera negação do passado e do futuro²⁶². Recordem-se, ainda, os Evangelhos, nos quais Jesus, para explicar aos homens temporais a eternidade, a atemporalidade contínua do “reino dos céus”, e da pós-morte, utiliza parábolas²⁶³.

Para dizer algo sobre o primeiro, o qual é vívido e presentemente em si mesmo, faz-se válido, posteriormente, quando seu “em si mesmo” já *voou*, e quando o “vívido” já *morreu*, sob a liberdade de metáforas como essas (“voou” e “morreu”), tentar, pelas palavras, “[...] por em relação possível aquilo que não tem relação necessária”²⁶⁴.

A *descrição* metafórica é o gênero literário mais próximo à Primeiridade²⁶⁵, “Mas não se esqueça, qualquer *descrição* dele [do primeiro] deve necessariamente falseá-lo.”²⁶⁶ Mesmo sendo, a metáfora, conforme dito, valiosa para descrever o primeiro²⁶⁷, essa descrição se dá através de um falseamento daquilo que o primeiro é em sua imediaticidade, pois as *representações*, por exemplo, as palavras que seriam usadas para descrevê-lo, não são de natureza primeira, mas terceira²⁶⁸, pois representam uma coisa para uma consciência e, logo, são terceiras para essa coisa e essa consciência: “Terceiridade, como eu uso o termo, é apenas um sinônimo para Representação [...]”²⁶⁹.

²⁶² AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução J. Oliveira Santos e A. Ambrosio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2002. cap. XI.

²⁶³ Conferir, por exemplo, a belíssima parábola do tesouro escondido no campo (Mateus 13,44ss), e a parábola do rico esbanjador e o mendigo Lázaro (Lucas 16,19ss).

²⁶⁴ IBRI, 2011, p. 215.

²⁶⁵ SANTAELLA, 2005, p. 289. Cf. IBRI, 2011, 209-210.

²⁶⁶ CP 1.357. O grifo é meu. IBRI, 2011, p. 209, aponta a *descrição* como um “único espaço lógico” restante para a linguagem na proximidade de uma experiência primeira. Ibrí não deixa, entretanto, de problematizar a relação entre a Primeiridade e a *descrição*, à medida que esta envolve “reconhecimento”, “fluxo de temporalidade”, “expectativa de permanência daquilo que observamos como regular no passado.” (p. 210).

²⁶⁷ P. 39-40.

²⁶⁸ SANTAELLA, 2005, cap. VI. Há uma, e apenas uma, forma geral que é “o verdadeiro *representante* psíquico da primeira categoria” (CP 5.44. O grifo é meu), a saber: a forma meramente possível, desatualizada, inexistente, monádica, da qualidade de sentimento, conforme anunciamos neste capítulo e tal qual abordaremos melhor em 3.1.

²⁶⁹ CP 5.105 *apud* IBRI, I. A. 1992, cap. 1, p. 15, § 1.

O primeiro, no entanto, comprometido com aquela *talidade*²⁷⁰, não pode *afirmar* seus caracteres “relativamente para mais alguma coisa”²⁷¹, como o segundo pode fazer. Pode, tampouco, *afirmar* suas características relativamente para outras duas coisas, como pode fazer o terceiro: “[...] uma tríade seria uma ideia elementar de algo que deve ser tal como é *relativamente para outros dois* em maneiras diferentes [...]”²⁷².

Aliás, *afirmar* algo sempre implica em negar outra coisa e, assim, sempre insere uma dualidade, pois “à medida que a ideia da negação de outro entra, a ideia de outro entra”²⁷³. Logo, não é possível sequer *afirmar* o primeiro sem retirar-lhe de sua cândida totalidade: “afirme-o [o primeiro] e ele já perdeu toda sua inocência característica, porque afirmações sempre implicam a negação de outra coisa.”²⁷⁴

Assim como *pensamento*²⁷⁵ e *representação*²⁷⁶, são, também, termos afeitos à Terceiridade: *significado*²⁷⁷, *síntese*²⁷⁸, *cognição*²⁷⁹, *aprendizado*²⁸⁰, *fluxo de tempo*²⁸¹, *racionalidade* e *referência a um futuro possível*: “Ou, em outras palavras, a *racionalidade* do pensamento reside na sua *referência a um futuro possível*.”²⁸²

Se todos esses termos citados no parágrafo acima referem-se ao universo terceiro; se mesmo a descrição metafórica não abrange o primeiro sem “necessariamente falseá-lo”²⁸³; e se o primeiro não pode ser afirmado sem despir-se de sua “inocência característica”²⁸⁴; onde residirá o êxito deste capítulo, ou seja, de uma tentativa de identificar e dizer algo acerca da Primeiridade fenomenológica? Ora, tudo o que até aqui fora dito, e se dirá, valeu-se de palavras, símbolos, signos oriundos do

²⁷⁰ P. 31.

²⁷¹ Rever definição de “díade”, p. 33.

²⁷² CP 1.292. Os grifos são meus.

²⁷³ CP 1.302.

²⁷⁴ CP 1.357.

²⁷⁵ P. 36.

²⁷⁶ P. 40.

²⁷⁷ “[...] a palavra *significa* é quase um sinônimo exato para a palavra terceiro” (CP 1.532, *apud* IBRI, 1992, cap. 2, p. 35, § 5).

²⁷⁸ Ver proximidade entre a “consciência de síntese” e a Terceiridade, em CP 1.381.

²⁷⁹ Ver proximidade entre o “elemento de cognição” e a Terceiridade, em CP 1.381.

²⁸⁰ Ver proximidade entre a “aprendizagem” e a Terceiridade, em CP 7.536.

²⁸¹ Ver proximidade entre “fluxo de tempo” e Terceiridade, em CP 7.536.

²⁸² CP 7.361. Os grifos são meus. Ver, ainda, a proximidade entre “pensamento” e Terceiridade, em CP 3.422; 1.420.

²⁸³ CP 1.357. Citado na p. 40.

²⁸⁴ CP 1.357. Citado nesta p. 41.

campo fenomenológico terceiro. O autor deste Trabalho assume tratar-se de um daqueles *falseamentos* necessários a toda descrição do fenômeno primeiro ²⁸⁵.

Não obstante, indicar-se-á, a seguir, uma *experiência* na qual, se acredita que a Primeiridade fenomenológica seja tipificada ²⁸⁶, vivida, sentida, especializada: “Experiências são únicas; mas qualidades, no entanto especializadas, não podem ser enumeradas.” ²⁸⁷

3. A CONTEMPLAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA DA PRIMEIRIDADE FENOMENOLÓGICA ²⁸⁸

[...] sugeriu que fechassem os olhos por alguns minutos, permitindo que os últimos clarões do crepúsculo desaparecessem. Mack obedeceu e, quando finalmente abriu os olhos, a visão foi tão poderosa que por alguns segundos ele experimentou uma espécie de vertigem. Era quase como se estivesse caindo no espaço, com estrelas correndo em sua direção para abraçá-lo. ²⁸⁹

[...] simplesmente ficou parado, permitindo que a enormidade do espaço e da luminosidade esparsa o fizesse sentir-se pequeno, deixando suas percepções serem capturadas pela luz das estrelas [...] ²⁹⁰

Nesse, como noutros trechos de belíssimas descrições, Mack, personagem de W. P. Young, cumpre uma recomendação de Peirce para a vivência da Primeiridade

²⁸⁵ Rever CP 1.357, citado na p. 40, § 3.

²⁸⁶ IBRI. O significado de primeiridade em Schelling, Schopenhauer e Peirce. In: *Cognitio*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 223-234, jul./dez. 2008; Reflections on a poetic ground in Peirce's Philosophy. In: *Transactions of the Charles S. Peirce society*, v. 45, n.3, p. 273-307, 2009.

²⁸⁷ CP 1.341.

²⁸⁸ A maioria dos comentadores nos quais nos apoiamos (consultar p. 09-10), exceto o professor Ibri, não se refere à contemplação em suas abordagens sobre a primeira categoria. SANTAELLA, 2005, ao perscrutar a natureza lógica da linguagem visual, toca ligeiramente a primeiridade da experiência contemplativa (p. 213). Embora não tenha usado a palavra “contemplação”, já em 1992, IBRI (*Kosmos Noetos*, cap. 1), ao caracterizar a primeira categoria, usa as expressões “olhar despido de qualquer aparato teórico” (p. 5), “ver sem estar a pensar” (p. 6), “um modo poético de olhar” (p. 11). Em dois artigos posteriores (2009 e 2011, p. 209-211), IBRI refere-se à “contemplação” caracterizando-a como experiência de “unidade de consciência” de “pura primeiridade”. Além destes artigos, a contemplação tal qual abordada neste Trabalho, também foi sugerida por Ibri em sala de aula (anotações referentes a curso de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica, ministrado no primeiro semestre de 2011 na Faculdade de São Bento).

²⁸⁹ YOUNG, William P. *A cabana*. São Paulo: Arqueiro, 2008. Cap. 7 (Deus no Cais), p. 100.

²⁹⁰ *Ibidem*, p. 103-104.

fenomenológica: “Vá sob a abóboda celeste e olhe para o que está presente tal como aparece aos olhos do artista.”²⁹¹ Santaella²⁹² defende que a narração está para a segunda categoria, assim como a dissertação está para a terceira e a descrição para a primeira²⁹³. Esse último gênero literário é o mais próximo da Primeiridade por sua relação com as qualidades das coisas²⁹⁴ e, talvez, também por sua tendência em incitar ao estado contemplativo.

Ibri trata de modo equivalente a palavra “ideia de primeiro” e a experiência típica da Primeiridade: “E na ideia de *primeiro* configura-se a categoria que Peirce denomina *Primeiridade*. A própria palavra ‘primeiro’ sugere que sob essa categoria não há o *outro*, ou seja, a experiência que a tipifica não traz consigo a alteridade [...]”²⁹⁵. Almeida ratifica a posição de Ibri ao afirmar que a descrição das três categorias se dá a partir da descrição das experiências que as tipificam²⁹⁶.

Segundo Ibri, experiências como as da Matemática²⁹⁷, Arte²⁹⁸, sonho²⁹⁹, contemplação³⁰⁰, pertencem à Primeiridade, pois:

[...] têm a liberdade de conformar seus objetos à representação de modo arbitrário e destituído de necessidade com relação à realidade exterior. O sentimento e o pensamento humano *podem*, neste caso, ser o sujeito da experiência, invertendo, de certo modo, o vetor lógico que tipifica a alteridade.³⁰¹

²⁹¹ CP 5.44.

²⁹² SANTAELLA, 2005, p. 289.

²⁹³ Como já dissemos (p. 40, nota 266), IBRI, 2011, p. 209-210, problematiza a relação entre a descrição e a primeira categoria.

²⁹⁴ SANTAELLA, 2005, p. 289-290.

²⁹⁵ IBRI, 1992, p. 9, § 2.

²⁹⁶ ALMEIDA (2011), p. 18, § 1.

²⁹⁷ IBRI, 1992, cap. 2. p. 25-29; cap. 6. p. 109, § 2.

²⁹⁸ *Ibidem*.

²⁹⁹ IBRI, 1992, cap. 2. p. 28, § 6. Embora o sonho possua caracteres primários, por exemplo, a ausência “[...] de necessidade com relação à realidade exterior” (IBRI, 1992, cap. 2. p. 28, § 7), também possui caracteres secundários, por exemplo, a noção de tempo (ainda que instável) e, sobretudo, a consciência de um eu a relacionar-se com algo mais (Ibri, anotações em sala de aula, curso de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica, ministrado no primeiro semestre de 2011, na Faculdade de São Bento).

³⁰⁰ IBRI, 2009; 2011.

³⁰¹ IBRI, 1992, cap. 2. p. 28, § 7.

Deste modo, cria-se uma abertura para a possibilidade de construção de enunciados sobre os objetos dessas experiências, desde que, estes enunciados, permaneçam no campo da hipótese ³⁰². Dentre as referidas experiências típicas da Primeiridade fenomenológica, este Trabalho escolhe focar a contemplação.

À experiência contemplativa se chega através da “[...] faculdade de ver o que está diante dos olhos, tal como se apresenta sem qualquer interpretação [...]” ³⁰³. A faculdade de ver imediatamente, como as coisas aparecem à consciência no presente, sem ligá-las a nada mais. Ver sem produzir ciência (conhecimento), conforme Fernando Pessoa parece ter pretendido exprimir em:

[...]
 O essencial é saber ver,
 Saber ver sem estar a pensar,
 Saber ver quando se vê,
 E nem pensar quando se vê
 Nem ver quando se pensa.
 Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
 Isso exige um estudo profundo,
 Uma aprendizagem de desaprender [...] ³⁰⁴

Vive, dizes, no presente,
 Vive só no presente.
 [...]

Eu quero só a realidade, as cousas sem presente.
 Não quero incluir o tempo no meu esquema.
 Não quero pensar nas cousas como presentes; quero pensar nelas
 como cousas.
 Não quero separá-las de si-próprias, tratando-as por presentes.
 Eu nem por reais as devia tratar.
 Eu não as devia tratar por nada.
 Eu devia vê-las, apenas vê-las;
 Vê-las até não poder pensar nelas,
 Vê-las sem tempo, nem espaço,
 Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê.
 É esta a ciência de ver, que não é nenhuma. ³⁰⁵

³⁰² IBRI, 1992, cap. 6. p. 109, § 2.

³⁰³ CP, 5.42.

³⁰⁴ PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Caeiro*. Lisboa: Ática, 1979. Poema: “O Guardador de Rebanhos”. p. XXIV.

³⁰⁵ *Ibidem*. “Poemas Inconjuntos”.

Os dois primeiros versos do segundo poema citado podem lembrar trechos nos quais Peirce refere-se ao aspecto vivaz da Primeiridade fenomenológica, por exemplo: “[...] tudo o que está imediatamente presente para um homem é o que está em sua mente no instante presente. Toda a sua *vida* está no presente.”³⁰⁶ Deixem-se as reflexões sobre os demais versos dos poemas em suspenso. Espera-se que, ao término deste capítulo, que o leitor disponha de algumas ferramentas conceituais para intertextualizar esses versos aos escritos peircianos concernentes ao tema da contemplação.

Nas cidades contemporâneas, os meios de locomoção e comunicação tornaram-se mais rápidos do que nas idades Média e Moderna³⁰⁷. Supõe-se, no entanto, haver menos tempo livre, menos ócio benéfico, menos descanso e menos contemplação. Para contemplar é preciso despir-se da “[...] intoxicação mediativa que obnubla aspectos primários da experiência”³⁰⁸, pois mentes viciadas em raciocinar, buscar causas, estabelecer relações, prever, mediar, aprender, cientificar-se, conhecer e reconhecer as coisas que se lhe apresentam, têm dificuldades em vivenciar a contemplação³⁰⁹.

Tal vivência está mais próxima de um artista, por exemplo, quando contempla as aparentes cores da natureza³¹⁰. Talvez esteja mais próxima, também, dos olhares de um recém-nascido, ou de um cego congênito recém-curado, os quais, por não possuírem outras experiências visuais, tenderiam menos ao estabelecimento de distinções: “O que o mundo era para Adão no dia em que ele abriu seus olhos para ele, *antes que ele tivesse estabelecido quaisquer distinções* [...] – isso é primeiro, [...]”³¹¹.

A contemplação não foge ao presente, não busca semelhanças mnemônicas nas imagens, não promove síntese, assim como “Ele [o primeiro] *precede toda síntese e toda diferenciação*”³¹². Se Aristóteles estiver certo, e a visão for o sentido mais habituado à produção de conhecimento³¹³; isso talvez explique a raridade dos momentos contemplativos, quando comparados à quantidade de tempo em que se olha com a intenção de conhecer e reconhecer objetos. Na visão contemplativa nada se

³⁰⁶ CP 1.310. O grifo é meu.

³⁰⁷ Essa afirmação funda-se no senso comum, logo, dispensam-se referências.

³⁰⁸ IBRI, 1992, p. 6.

³⁰⁹ Ibri (anotações em sala de aula referentes ao curso de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica ministrado no primeiro semestre de 2011 na Faculdade de São Bento).

³¹⁰ CP, 5.44.

³¹¹ CP 1.357. Os grifos são meus.

³¹² CP 1.357. Os grifos são meus.

³¹³ ARISTÓTELES (2002), Livro I, cap. 1, § 1.

aprende, nada se analisa, mas apenas se experimenta, se vive, se *sente*; e “Sentimento também como tal é não analisado.”³¹⁴

Imagine-se alguém a contemplar as águas oceânicas, sua consciência preenchida pelas formas sempre novas das ondas, sem a necessidade de mediar nada, sem refletir acerca de sua posição diversa frente à realidade contemplada, mas experimentando a continuidade de sua consciência na imagem contemplada³¹⁵ (...) imediata e *surpreendentemente*, essa consciência percebe a picada de um inseto. Em seguida, nota estar rodeada de semelhantes criaturas. O conceito terceiro de “inseto”, ao qual se chega pela *comparação*³¹⁶, medeia, ou, representa o objetor segundo imediato daquele eu, com a intenção de minimizar-lhe ou extinguir-lhe a força incômoda, interferente, “descontinuadora”. A pessoa em questão poderá prosseguir com o estabelecimento de mediações, por exemplo, buscar reconhecer tais insetos como venenosos ou menos perigosos, e prever que o uso de repelente os afastará.

A experiência segunda que contrasta (choca, conflita, descontinua) com a vontade, e traz a dupla consciência do senso de exterioridade, é sempre imediata e, em alguma medida, surpreendente (não premeditada, impressionante)³¹⁷. A simples conceituação de um não-eu imediato enquanto “inseto”, a partir de semelhanças, por sua vez, já envolve mediação, recorrência ao passado e previsão de conduta futura e, por isso, não é da natureza do fenômeno primeiro nem do segundo, pois as experiências primeiras e segundas não envolvem fluxo cronológico.³¹⁸

Antes do “contraste” segundo não se principia a ciência, “[...] sem o contraste, eles [os estudantes] não excitam suas atenções.”³¹⁹ Deste modo, a negação da Segundidade é um chamado ao conhecimento, talvez semelhante àquela “*admiração*” descrita por Platão³²⁰, ou àquela “*dificuldade*” e “*espanto*” apontados por Aristóteles

³¹⁴ CP 1.332.

³¹⁵ Até aqui, trata-se de um exemplo de contemplação fornecido pelo prof. Ibri em sala de aula (conforme anotações e áudio referentes ao curso de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica ministrado no primeiro semestre de 2011 na Faculdade de São Bento). A partir desta nota, o texto é um desenvolvimento produzido pelo autor deste Trabalho.

³¹⁶ A comparação não é uma experiência primeira, mas está mais próxima da Terceiridade. Investigar: CP 1.303.310.318.383. IBRI, 1992, cap. 1, p. 13, § 2. Ver, ainda, p. 38 deste Trabalho.

³¹⁷ CP 1.330-334.

³¹⁸ O fluxo cronológico aparece relacionado à terceira categoria, conforme: p. 41 deste Trabalho; CP 1.330-334; IBRI, 1992, cap. 1, p. 7-16.

³¹⁹ CP 1.134.

³²⁰ Conforme: CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 18, § 10-11.

como o início do filosofar ³²¹. Quando, após o mero atentar-se ³²² ao objeto, reconheço aquilo que, inicialmente era apenas uma força incômoda, e me dirijo a essa força já prevendo qual conduta devo adotar para diminuí-la, essas mediações (conhecimento e previsão) já competem à Terceiridade ³²³.

O conhecimento é terceiro porque *medeia* ou *vincula* a relação entre a consciência e o objeto:

Por terceiro, eu quero dizer o *meio ou vínculo* entre o primeiro absoluto e o último. O início é primeiro, o fim é segundo, o meio é terceiro. ³²⁴ [Ainda:] Terceiridade nada é senão o caráter de algo que incorpore a Qualidade de Estar Entre [*Betweenness*] ou Mediação nas suas formas mais simples e rudimentares ³²⁵.

Por não haver, na contemplação, um segundo, uma alteridade reativa, também não há raciocínio, recorrência à memória, abstração de semelhanças, generalizações, conceitos ou representações, conhecimento ou previsões, ou, ainda, quaisquer outras mediações terceiras. ³²⁶

A contemplação é uma experiência primeira porque nela desaparece a figura do outro, do não ego ³²⁷, e surge a unicidade sujeito-objeto ³²⁸. Na contemplação, aquilo que é experimentado e a própria consciência experimentadora tornam-se um só, por isso, a consciência não percebe sua própria existência ³²⁹ enquanto algo distinto do objeto: “O que o mundo era para Adão no dia em que ele abriu seus olhos para ele, antes que ele tivesse estabelecido quaisquer distinções ou se tornado consciente de sua própria *existência* – isso é primeiro, [...]” ³³⁰.

³²¹ “(...) pois os homens começam e começaram sempre a filosofar movidos pelo *espanto* (...) Aquele que se coloca uma *dificuldade* e se *espanta* reconhece sua própria ignorância.” ARISTÓTELES *apud* CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 18, § 10 (os grifos são meus).

³²² Atentar-se é uma experiência segunda, conforme IBRI, 1992, cap. 1, p. 6,16.

³²³ Ibri (anotações em sala de aula referentes ao curso de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica ministrado no primeiro semestre de 2011, na Faculdade de São Bento).

³²⁴ CP 1.337. Os grifos são meus.

³²⁵ CP 5.104.

³²⁶ IBRI, 2011, p. 209-210.

³²⁷ IBRI, 2011, p. 210.

³²⁸ IBRI, 2009; 2011.

³²⁹ Cf. CP 1.332-336.

³³⁰ CP 1.357. O grifo é meu.

A plasticidade da mente faz com que ela assuma plenamente a forma daquilo que contempla, até formarem uma totalidade na qual não há objetos *pontuais*³³¹. Assim como, na geometria, os pontos que constituem uma reta não são perceptíveis (ou distinguíveis) individualmente, mas se fundem num *continuum*; na contemplação as coisas individuais (ou existentes) deixam de ser percebidas (ou distinguidas)³³². Resta um só elemento (mônada), numa experiência “*in totum*”³³³, amálgama ao qual até mesmo o eu se funde, e no qual “todo” e “consciência” não se distinguem. Este parece ser o sentido que permite a Peirce afirmar que o fenômeno primeiro não consiste “[...] no *todo* ou na parte de qualquer ato pelo qual uma extensão de consciência é distinguida de outra [...]”³³⁴.

Se, aquilo que é em si mesmo, isto é, primeiro, não consiste no todo (*whole*), Peirce teria se contradito ao dizer, posteriormente, que “Contemplar algo *por si mesmo* - qualquer coisa que pode ser, deste modo, contemplada - atende ao *todo* [*whole*] [...]”³³⁵? Ou será errôneo apresentar a contemplação como privilegiada experiência primeira? O leitor julgue após experimentar *simplesmente* olhar algo belo:

Não há nada tão diretamente aberto à observação quanto Fanerons [...] De fato, ele [o leitor] realmente deve repetir minhas observações e experimentos por ele mesmo.³³⁶ [Ainda:] O leitor, da sua parte, deve repetir as observações do autor por si, e decidir por suas próprias observações se o relato das aparências do autor é correto ou não.³³⁷

³³¹ Ibri (anotações em sala de aula, curso de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica, ministrado no primeiro semestre de 2011, na Faculdade de São Bento).

³³² Este insight nos foi dado por Ibri (anotações em sala de aula referentes ao curso de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica ministrado no primeiro semestre de 2011 na Faculdade de São Bento).

³³³ Expressão latina que significa: total, do todo, em totalidade.

³³⁴ CP 1.306. O grifo é meu.

³³⁵ CP 1.318. Os grifos são meus.

³³⁶ CP 1.286.

³³⁷ CP 1.287. Nossa tradução fora confrontada com a tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg (PEIRCE, C. S. *Semiótica e Filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 46). Os tradutores citados optaram por traduzir o original *decide* pelo verbo conjugado “decide”, todavia, optamos pela tradução no infinitivo, “decidir”, pois se refere à terceira pessoa do singular (*The reader* – “O leitor”) e, logo, caso Peirce quisesse conjugar o verbo, teria escrito *decides*, e não *decide*.

De fato o belo, ou, o bem estético, sentido numa experiência total, sem partes, traz uma qualidade positiva simples e imediata³³⁸, a qual incita à contemplação³³⁹:

[...] deve ter [o belo] um sem-número de partes de tal forma relacionadas umas com as outras de modo a dar uma qualidade positiva, simples e imediata, à totalidade dessas partes; e tudo aquilo que o fizer é, nesta medida, esteticamente bom, não importando qual possa ser a qualidade particular do total.³⁴⁰

Embora as ciências normativas não constituam o escopo deste Trabalho, indique-se que, contemplar o belo *por si mesmo*, experimentar o bem estético, será relevante até para a identificação do bem ético, o qual deve ser o fim último da ação³⁴¹:

[...] um fim último da ação deliberadamente adotada, isto é, razoavelmente adotada, deve ser um estado de coisas que razoavelmente *se recomenda a si mesmo em si mesmo*, à parte de qualquer consideração ulterior. Deve ser um ideal *admirável*, tendo o único tipo de bem que tal ideal pode ter, ou seja, o bem estético.³⁴²

Para contemplar é preciso ver, “com os olhos normais ou imaginários”³⁴³, “sem estar a pensar”³⁴⁴, até que, por um momento (ou por uma ausência de tempo³⁴⁵), a inquietude das preocupações minguem e o barulho das pós-ocupações se afastem. Peirce experimentou semelhante “ver”, em 1908, aos cinquenta e dois anos de idade, quando, em meio a uma crise, adentra uma igreja³⁴⁶ e sente-se de tal modo transportado³⁴⁷ que,

³³⁸ ALMEIDA, 2011, p. 37-41.

³³⁹ “Um dos pontos-chaves do que em Peirce se poderia definir como experiência estética está no fenômeno de contemplação, [...]” (IBRI, 2011, p. 210).

³⁴⁰ PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 4. ed. São Paulo : Perspectiva, 2008. (Coleção Estudos; v. 46), p. 203.

³⁴¹ Cf. ALMEIDA, 2011, p. 42-44.

³⁴² PEIRCE, 2008, p. 202. Os grifos são meus.

³⁴³ Expressão extraída de CP 6.222, parágrafo no qual Peirce fala da *quale*-consciência.

³⁴⁴ Expressão extraída do segundo verso do poema “O guardador de rebanhos”, PESSOA, Fernando. 1979. p. XXIV, citado na p. 44 deste Trabalho.

³⁴⁵ IBRI, 2011, p. 210.

³⁴⁶ Embora Peirce não especifique qual igreja, trata-se, segundo Ibrí, provavelmente, da *Saint Thomas Church*, situada na *Fifth Avenue* de *New York* (anotações em sala de aula referentes ao curso de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica ministrado no primeiro semestre de 2011 na Faculdade de

à época, referindo-se a essa experiência, escreve: “Posso apontar uma razão para minha gratidão em prestar algum serviço na igreja [...] Nunca antes fui místico, mas agora o sou.”³⁴⁸

Segundo Brent, o ser místico, religioso, de Peirce não se confunde com dogmatismo, pois não o privou de ser cientista³⁴⁹. Conforme, ainda, o próprio Peirce afirma sobre si: assenhoreou-se “[...] de tudo quanto era então conhecido no campo da física e da química [...]”³⁵⁰, e possui contribuições positivas também para a Matemática, a Gravitação, a Ótica, a Química e a Astronomia.³⁵¹

Peirce parece, entretanto, haver sido marcado de tal forma por aquela experiência que, mesmo passados seis anos, ainda se refere a ela: “Nenhuma quantidade de especulação pode assumir o lugar da *experiência*.”³⁵² E parece sugerir um caminho para outras pessoas vivenciarem este tipo de experiência: “Se um homem não teve nenhuma experiência religiosa, qualquer religião, não uma afetação, é ainda impossível para ele. A única atitude digna que lhe resta é *esperar em silêncio* até que essa experiência venha.”³⁵³

Talvez por causa dessa impressionante experiência, depois daquela afirmação de que o primeiro não consiste “no todo”, cuidou de acrescentar: “de qualquer ato”³⁵⁴. Atualizar-se implica em abandonar a mera possibilidade de ser, e introduz uma dualidade³⁵⁵, perceber alguma atualidade é fazer cessar a não resistente experiência contemplativa, pois “Ato é alguma coisa bruta (não há nele razão).³⁵⁶ [Ainda:] [...] toda reação é anti-geral. É este ato. É ato, não potência. Segundidade, não primeiridade.”³⁵⁷

São Bento), próxima ao Hotel Brevoort no qual Peirce costumava hospedar-se (BRENT, J. *Charles Sanders Peirce: A life*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1998, p. 116).

³⁴⁷ BRENT, 1998, Introduction, p. 18.

³⁴⁸ PEIRCE *apud* BRENT, 1998, Introduction, p. 18.

³⁴⁹ BRENT, 1998, Introduction, p. 19.

³⁵⁰ CP 1.3.

³⁵¹ CP 1.3.

³⁵² PEIRCE *apud* BRENT, 1998, Introduction, p. 18. O grifo é meu.

³⁵³ PEIRCE *apud* BRENT, 1998, Introduction, p. 19. Os grifos são meus.

³⁵⁴ Expressões extraídas de CP 1.306, citado na p. 48.

³⁵⁵ P. 27.

³⁵⁶ CP 1.24.

³⁵⁷ NEM, 136-137, *apud* IBRI, 1992, p. 85.

O *todo* ao qual atende a contemplação³⁵⁸ não é o *todo* “de qualquer *ato*”³⁵⁹, mas da mera potencialidade na qual nenhum ente é distinguido. Na contemplação nada oferece resistência, logo, nenhuma existência é percebida³⁶⁰. Se não há resistente, existente, segundo, não há “[...] qualquer ato pelo qual uma extensão de consciência é distinguida de outra”³⁶¹.

Ao “contemplar o universo sem nenhum propósito especial [...] mente e matéria coincidem”³⁶². Deixa-se de perceber aquilo que se olha enquanto objeto à frente, *tátil*, reativo em intensidade igual e sentido contrário à força que porventura se exerça sobre ele: “A ideia do primeiro é tão tenra que você não pode *tocá-lo* sem estragá-lo.”³⁶³

Em um quadro como o *Le bassin aux nymphéas harmonie verte*, de *Claude Monet*³⁶⁴, a já tênue remissão à realidade - através da água, da ponte e da vegetação - de um jardim mítico, termina de extinguir-se na experiência contemplativa. Durante a qual, não se percebe a tinta-óleo sobre a tela, nem a cópia subjetivada do real, mas o conjunto imagético internaliza-se em nós tal qual um sonho: “[...] perdemos a consciência de que isso [a pintura] não é a coisa, a distinção entre o real e a cópia desaparece, e ela é, para nós, por um momento, um puro sonho - não uma existência particular, nem geral”³⁶⁵.

Se, na contemplação, não há nada de existente, particular ou geral, o que está presente na consciência contemplativa? Uma mera qualidade de sentimento desatualizada³⁶⁶.

³⁵⁸ Conforme CP 1.318, citado na página 48.

³⁵⁹ Expressão extraída de CP 1.306. O grifo é meu.

³⁶⁰ Ibri (anotações em sala de aula referentes ao curso de Pragmatismo Clássico e Semiótica Filosófica ministrado no primeiro semestre de 2011 na Faculdade de São Bento).

³⁶¹ CP 1.306.

³⁶² CP 6.501.

³⁶³ CP 1.357. O grifo é meu.

³⁶⁴ A título de curiosidade, esse quadro de 1899 e outras belíssimas pinturas impressionistas do fim do século XIX estiveram recentemente pela primeira vez no Brasil (setembro de 2012), no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), em São Paulo, em uma exposição gratuita do Musée d’Orsay, de Paris. Acreditamos que a vivência da contemplação depende um pouco do estado emocional no qual se encontra o sujeito, mas acreditamos também que, a exemplo deste quadro, há *ícones* mais convidativos à contemplação.

³⁶⁵ CP 3.362. Nesse parágrafo, Peirce aborda a contemplação do *ícone*.

³⁶⁶ CP 1.318, citado na página seguinte (52).

3.1. A qualidade de sentimento na contemplação ³⁶⁷

“O essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração.”

Saint-Exupery ³⁶⁸

Neste ponto, convém perguntar: o que, na experiência contemplativa, se funde à consciência de modo imediato, total, despercebido, desatualizado, isto é, meramente potencial; desconhecido, contínuo, ilimitado, livre, indiferente e dessemelhante, monádico, isto é, único, em si mesmo, sem relação, sequer com o tempo? É Peirce quem nos responde:

Entre os *fanerons*, há certas qualidades de sentimento tais como a cor da magenta, o perfume da attar [essência de rosas], o som do silvo de um trem, o sabor do quinino, a qualidade da emoção ao se *contemplar* uma bela demonstração matemática, a qualidade de sentimento do amor, etc. ³⁶⁹

No todo sem partes da contemplação, é uma qualidade de sentimento que toma a atenção e expulsa tudo o mais da consciência imediata:

Contemplar algo por si mesmo - qualquer coisa que pode ser, deste modo, contemplada - atende ao todo e retira as partes da atenção total [altogheter]. [...] em sua consciência, nesse momento, não haveria nada, apenas uma qualidade de sentimento. Essa qualidade de sentimento em si, quando assim contemplada, não teria partes. [...] Visto que isso é verdadeiro sobre o que quer que contemplemos, por mais complexo que possa ser o objeto, segue que não há nada mais em

³⁶⁷ Aqui, interessa-nos apresentar a qualidade de sentimento totalmente presente na contemplação, licitando chamarmos essa experiência de primeira. Uma definição detalhada de “sentimento”, todavia, encontra-se em CP 1.306.

³⁶⁸ SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. São Paulo: Agir. 48 ed. 2004. cap. XXI.

³⁶⁹ CP 1.304. O segundo grifo é meu. “Magenta” é um tipo de lilás. “Quinino” (ou quinina) é um pó branco extraído da casca da árvore de mesmo nome, de sabor amargo, com propriedades antitérmicas e analgésicas, utilizado na produção da água com gás industrializada e no combate à febre malárica.

uma consciência imediata. Ser [ou Estar] consciente é nada mais do que sentir.³⁷⁰

A última asserção: “Ser [ou Estar] consciente é nada mais do que sentir,” comprova a natureza primeira do sentimento, e demonstra de que modo a experiência contemplativa primeira não é inconsciente, mas cônica, e corresponde a um tipo de consciência sentimental e vívida; pois “Ele [o primeiro] também é algo vívido e *consciente* [...] presente, imediato, fresco, novo, iniciante, original, espontâneo, livre, vívido, *côncio* e evanescente.”³⁷¹

Embora sentir corresponda a estar de certo modo consciente³⁷², isso não significa, no entanto, que quando uma consciência experimenta algum sentimento ela está consciente desse sentimento e de si mesma. Não significa que a consciência percebe algo atual, ou, sabe que experimenta algo distinta de si própria. Significa, sim, que o sentimento é um “tipo de consciência”³⁷³, ou, ainda, que o sentimento se faz um com a consciência.

Trata-se, por isso, de uma consciência monádica, que não envolve dualidade sujeito-objeto³⁷⁴. Um sentimento, deste modo experimentado, não é um objeto, pois não objetiva, isto é, não resiste à consciência. Neste sentir sem partes, aquela consciência diádica, reveladora do eu, não está presente. Daí a não incoerência de falas como: “De fato, embora um sentimento seja consciência imediata, isto é, um tipo de consciência que está imediatamente presente, *ainda não há consciência nele* porque ele é instantâneo.”³⁷⁵

Ora, a consciência dual da Segundidade também é imediata³⁷⁶, instantânea³⁷⁷, não envolve o tempo³⁷⁸; o que, então, a diferencia da consciência primeira? Justamente a referida ausência de resistência no sentimento primariamente experimentado. É a

³⁷⁰ CP 1.318.

³⁷¹ CP 1.357. Os grifos são meus.

³⁷² CP 1.318 citado mais acima nesta mesma p. 53.

³⁷³ CP 1.310.

³⁷⁴ CP 1.328-329.

³⁷⁵ CP 1.310. Os grifos são meus.

³⁷⁶ IBRI, 1992, p. 7, § 5.

³⁷⁷ CP 1.328-329.

³⁷⁸ IBRI, 2011, p. 210.

ausência de resistência, de oposição, que evita a percepção do eu ³⁷⁹, ocultando-o no sentimento.

Algum leitor, confrontando esse ponto de vista com sua vida quotidiana (conforme sugerido por Peirce ³⁸⁰), poderá nela encontrar ocasiões de negar a não resistência de um sentimento. Quanta vez se luta contra os próprios sentimentos? Deseja-se que sejam diferentemente, ou, que não sejam, que não existam? E, no entanto, eles permanecem presentemente imutáveis, resistentes, reagentes, exigindo uma mediação (no fluxo cronológico) solucionadora ou, pelo menos, diminuidora de sua força de negação da vontade, força bruta e incômoda? Neste caso, entretanto, não se trata mais de uma consciência em si, *contemplativa*, fundida ao sentimento, ou, tornada um com a mera qualidade sensível. Trata-se, sim, de uma *sensação* ³⁸¹ descontínua, promotora da *percepção* ³⁸² dupla de algo mais, diverso.

Deste modo, o sentimento é o “verdadeiro representante psíquico da primeira categoria” ³⁸³. Logo, se, na consciência contemplativa “[...] não haveria nada, apenas uma qualidade de sentimento” ³⁸⁴, a contemplação constitui um exemplo de experiência fiel aos caracteres da Primeiridade fenomenológica.

³⁷⁹ CP 1.334. IBRI, 1992, p. 8, § 1-2.

³⁸⁰ CP 1.241.286.287. Estes dois últimos parágrafos estão citados na página 48 deste Trabalho.

³⁸¹ Rever diferença entre sentimento e sensação, p. 31-32 deste Trabalho.

³⁸² “Percepção” parece ser um termo mais afeito à Segundidade (conforme, por exemplo, CP 1.310.332), pois envolve tomada de consciência acerca da existência de uma qualidade e, deste modo, introduz uma dualidade. A percepção, todavia, não retira dessa qualidade sua metafísica totalidade sem partes. Como a Metafísica não é a finalidade desta Pesquisa, a quem interessar o tema da primeira categoria expandida para além da Fenomenologia, sugerimos a leitura de IBRI, 1992, sobretudo, cap. 1, p. 12-13, e caps. 3-5.

³⁸³ Expressão extraída de CP 5.44.

³⁸⁴ CP 1.318, citado na página 53.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] tão difícil é tomar as coisas que haviam nascido bem dentro dos outros e pensá-las.”

Clarice Lispector³⁸⁵

Conforme assumira o próprio Peirce: “Finalmente, embora seja fácil distinguir as três categorias uma das outras, é extremamente difícil distinguir com exatidão e claramente cada uma de outros conceitos, de modo a abrangê-las em sua pureza e em seu completo significado.”³⁸⁶ À “difícil distinção” reconhecida por Peirce, acrescenta-se a observação de Ibri acerca da tentativa de uma abordagem temática coerente em Peirce: “Uma coisa é pensar um tema à luz de uma doutrina, outra, sob um complexo sistema de doutrinas que se entrelaçam.”³⁸⁷ Ora, não fora outro o escopo desta Pesquisa, senão: uma difícil tentativa de abordagem do tema da contemplação em coerência com o sistema filosófico peirciano.

Para tal fim, este Trabalho principiou por apontar alguns comentadores que acreditaram e conseguiram enxergar, nos emaranhados de textos peircianos, o referido *sistema* coerente, cuja base residiria nas categorias fenomenológicas. Durante o capítulo 1 (sobre a Filosofia) trataram-se, brevemente, alguns termos e doutrinas importantes ao pensamento de Peirce compreendido como um sistema, ou, “conjunto arquetônico”; dentre os quais se discorreu mais calmamente sobre a noção expandida de *experiência* em Peirce, a qual é parte constituinte do título deste Trabalho.

Em seguida, promoveu-se (em 1.1) um sucinto levantamento histórico de possíveis prelúdios do que, posteriormente, chamou-se Fenomenologia, com ênfase em *Locke*. Sucedeu-se, no mesmo tópico, uma breve abordagem da concepção peirciana da Fenomenologia.

³⁸⁵ LISPECTOR, Clarice. *Apud* POZZOLI, Priscila Luciano. *A função da Alegoria da Caverna na visão platônica da educação*. São Paulo, 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). Faculdade de São Bento (FSB). (Epígrafe do TCC).

³⁸⁶ CP 1.353.

³⁸⁷ IBRI, 2011, p. 207.

Durante o capítulo 2 (o mais extenso), sobre Primeiridade fenomenológica, foram investigadas algumas características cabíveis e não cabíveis à primeira categoria dos fenômenos; diferenciando-a das outras duas categorias fenomenológicas (Segundidade e Terceiridade). Durante essa investigação, a explicitação de alguns conceitos importantes às três categorias erigiu um palco semântico sobre o qual a contemplação, escopo deste TCC, pode apresentar-se naturalmente (3).

Por fim, em 3.1, evidenciou-se a *qualidade de sentimento*, verdadeiro representante da Primeiridade fenomenológica, presente de modo total, monádico, único, fundido, ou, feito um com a consciência contemplativa; ratificando a contemplação como experiência típica da primeira categoria dos *fanerons*.

Nos escritos consultados ³⁸⁸, pareceu haver um conjunto ao qual cabem, sem excessos, as metáforas: caule único abaixo de ramificada e densa copa, edifício a sustentar majestosa arquitetura ³⁸⁹, rio que se abre em delta; cuja respectiva raiz, fundação ou nascente, encontra-se, de fato, nas categorias, desde a Fenomenologia (subdivisão da Filosofia), passando pelo Pragmatismo, Epistemologia, Semiótica, até a sua Metafísica científica.

A aspiração deste Trabalho fora a de subsidiar conceitualmente uma futura pesquisa de mestrado sobre a Filosofia de Peirce, cujo tema ainda não está definido, mas prenunciam-se alguns assuntos clamantes de maior detalhamento neste Trabalho, tais como: os caracteres primeiros da arte ³⁹⁰; outras experiências primeiras além da contemplação (por exemplo, certo tipo de escuta ³⁹¹); o acaso como princípio ontológico primeiro ³⁹².

Pareceu, também, muito interessante, conhecer melhor a concepção peirciana de amor, contextualizada na história da filosofia, e abordada no complexo texto intitulado *Amor Evolucionário* ³⁹³. Uma contribuição possível no mestrado é o levantamento e a

³⁸⁸ Os textos de Peirce consultados nessa Pesquisa foram citados no decorrer deste TCC.

³⁸⁹ Essa metáfora do majestoso edifício inspira-se no título da obra de IBRI: *Kósmos noetós: a arquitetura metafísica* de Charles S. Peirce. São Paulo: Perspectiva : Hólon, 1992. Na página 53 deste livro, Ibri, graduado em Engenharia, afirma o conceito peirciano de *continuum* como um dos “*pavimentos* centrais do *edifício* metafísico de Peirce.” Os grifos são meus.

³⁹⁰ HAUSMAN, 1989.

³⁹¹ SANTAELLA, 2005, caps. III-IV.

³⁹² IBRI, 1992, caps. 3-5.

³⁹³ CP 287-317.

clarificação de algumas expressões nos *Collected Papers*, as quais dificultam a tradução por haverem caído em desuso. Manifeste-se, ainda, a ousada predisposição de um dia, talvez durante ou após o Doutorado, relacionar as três categorias peircianas, em seus aspectos fenomenológicos e metafísicos, com as três pessoas da Santíssima Trindade.

394

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução J. Oliveira Santos e A. Ambrosio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2002.

ALMEIDA, Cláudia Regina Locoselli. **A contemplação na primeiridade em Charles Sanders Peirce**. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC).

ALMEIDA, Rodrigo Vieira de. **Uma propedêutica para uma reflexão sobre o conceito de imortalidade do Homem na Filosofia de Charles Sanders Peirce**. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de São Bento (FSB).

APEL, Karl Otto. C. S. Peirce and post-tarskian problem of adequate explication of the meaning of the truth: towards a transcendental-pragmatic theory of truth. In: **Transactions of the Charles S. Peirce society**. v. XVIII, nº 1, 1982.

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de (Org.). **Sabedoria em gotas**. Lorena: Cleofas, 2004.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Texto em grego com ensaio introdutório, tradução e comentário de G. Reale. Tradução para o português de Marcelo Perine. v. I, II e III. São Paulo: Loyola, 2002.

ARISTOTLE. **The works of Aristotle**. Chicago: The University of Chicago, 1989.

BÍBLIA sagrada. 19. ed. São Paulo: Ave-Maria, 1999.

BRENT, J. **Charles Sanders Peirce: A life**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1998.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 20. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

³⁹⁴ W 1.502-504. Estes escritos não são uma relação entre as categorias e a Trindade, quando foram escritos a Faneroscopia ainda não estava desenvolvida. Porém, tratam-se, não obstante, de uma relação entre concepções semióticas de juventude e a Trindade. Veja-se, ainda: DELEDALLE, Gérard. *Charles S. Peirce: Philosophy of Signs*. Bloomington: Indiana University Press. 2000. Part Four, cap. 17. Theology - The Reality of God: Peirce's Triune God and the Church' Trinity.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1998.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004.

DELEDALLE, Gérard. **Charles S. Peirce: Philosophy of Signs**. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

DESCARTES, R. **Meditações metafísicas**. Trad. Fausto Castilho. Coleções Multilíngues de filosofia Unicamp. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

DILWORTH, David A. Peirce's Objective Idealism: A reply to T. L. Short's 'What was Peirce's Objective Idealism?' In: **Cognitio**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 53-74, jan./jun. 2011.

PESSOA, Fernando. **Poemas de Alberto Caetano**. Lisboa: Ática, 1979.

FACULDADE DE SÃO BENTO. **Regulamento para elaboração de monografia**. [S.l.: s.n.] [2010?].

GUISOLFI, Rafael Claudio. **A crítica de Hegel ao realismo ingênuo**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica (PUC), Porto Alegre, 2005.

GUARDIANO, Nicholas. The intelligibility of Peirce's metaphysics of Objective Idealism. In: **Cognitio**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 187-204, jul./dez. 2011.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HARDWICK, C. S. (Ed.). **Semiotics and signification: the correspondence between Charles S. Peirce and Victoria Lady Welby**. Bloomington: Indiana University Press, 1977.

HAUSMAN, Carl R. **Charles S. Peirce's evolutionary Philosophy**. New York: Cambridge University Press, 1993.

_____. **Metaphor and art: interactionism and reference in the verbal and nonverbal arts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

HENSOLDT, Agnieszka. Truth as a phase of *summum bonum*: theory and practice – can pragmatic philosophy influence our lives? In: **Cognitio**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 205-223, jul./dez. 2010.

HUME, David. **Sumário do Tratado da Natureza Humana**. Tradução e notas de Anoar Aiex. São Paulo: Nacional, 1975.

HUSSERL, Edmund. **Idéias para uma Fenomenologia pura e para uma Filosofia fenomenológica**. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

IBRI, Ivo Assad. **Kósmos noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce**. São Paulo: Perspectiva : Hólon, 1992. (Coleção Estudos; v. 130).

_____. As consequências de consequências práticas. In: **Cognitio**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 30-37, 2º sem. 2000a.

_____. Sobre a identidade Ideal-Real na Filosofia de Charles S. Peirce. In: **Cognitio**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 38-45, 2º sem. 2000b.

_____. A vital importância da primeiridade na Filosofia de Peirce. In: **Cognitio**, São Paulo, n. 3, p. 46-52. nov. 2002.

_____. O significado de primeiridade em Schelling, Schopenhauer e Peirce. In: **Cognitio**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 223-234, jul./dez. 2008.

_____. Reflections on a poetic ground in Peirce's Philosophy. In: **Transactions of the Charles S. Peirce society**, v. 45, n.3, p. 273-307, 2009.

_____. **Mentes lendo mentes**: sobre o idealismo objetivo de Peirce. São Paulo, 2010. (artigo apresentado à XIV Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF).

_____. Sementes peircianas para uma Filosofia da arte. In: **Cognitio**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 205-219, jul./dez. 2011.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 7. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

KENT, Beverly. **Charles S. Peirce: Logic and the classification of sciences**. Kingston and Montreal: McGill-Queen's University Press, 1987.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo, Nova Cultural, 1999.

LUCAS, Sofia Isabel Machado. **A classificação das ciências de Charles Sanders Peirce**. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica (PUC).

MURPHEY, Murray G. **The development of Peirce's Philosophy**. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1993.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A dúvida de Cézanne. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

NOBRE, Sérgio. **Leitura Crítica da História**: Reflexões sobre a História da Matemática. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v10n3/15.pdf>. Acesso em 23/12/2012. (Parte deste texto foi apresentada na mesa-redonda "Orientações filosóficas da Pesquisa Qualitativa e procedimentos metodológicos assumidos nas áreas das ciências exatas e humanas, da saúde e educação" durante o II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. Bauru, março de 2004. Essa mesma parte foi publicada In: **Ciência e Educação**. Bauru, v. 10, n. 3, set./dez. 2004).

OLIVEIRA, Mário Nogueira de. A educação na ética kantiana. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 447-460, set./dez. 2004.

PARKER, Kelly. **The continuity of Peirce's thought**. Nashville: Vanderbilt University Press, 1998.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Coleção Estudos; v. 46).

_____. **Semiótica e Filosofia**. Introdução, tradução e seleção de MOTA, Octanny S. e HEGENBERG, Leônidas. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. **The collected papers of Charles Sanders Peirce**. HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul; BURKS, Arthur (Orgs.). Cambridge: Harvard University Press, 1931. v. 1. (Citado *CP* seguido pelo número do volume e número do parágrafo).

_____. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/oRnzQCug/The_Collected_Papers_of_Charle.html>. Acesso em: 29 maio 2011. Volumes 1-8. (Citado *CP* seguido pelo número do volume e número do parágrafo).

_____. **The essential Peirce: selected philosophical writings**. Edited by Nathan Houser and Christian Kloesel. Bloomington: Indiana University Press, 1992. v.1. (Citado *EP* seguido do número do volume e do número da página).

_____. **The essential Peirce: selected philosophical writings**. Edited by Nathan Houser and Christian Kloesel. Bloomington: Indiana University Press, 1998. v.2. (Citado *EP* seguido do número do volume e do número da página).

_____. **The Writing of Charles S. Peirce: a chronological edition**. Editor Max H. Fisch et al. Indianapolis : Indiana University Press, 1999. v.1. (citado *W* seguido pelo número do volume e do número da página).

PORTA, M. A. G. **A filosofia a partir de seus problemas**. São Paulo: Loyola, 2002.

POZZOLI, Priscila Luciano. **A função da Alegoria da Caverna na visão platônica da educação**. São Paulo, 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). Faculdade de São Bento (FSB).

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. São Paulo: Agir. 48. ed. 2004.

SANTAELLA, M. Lucia. **Matrizes da Linguagem e Pensamento : sonora visual verbal : aplicações na hipermídia**. São Paulo, Iluminuras : FAPESP, 2005.

_____. **O método anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. Peirce's broad concept of mind. In: **S-European Journal for Semiotic Studies**, v. 6, p. 399-411, 1994b.

SANTAELLA, M. Lucia; MACHADO, Irene . **Caos e ordem na mídia, cultura e sociedade**. 1999. (Editoração/Periódico).

SHORT, T. L. What was Peirce's Objective Idealism? In: **Cognitio**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 333-346. jul./dez. 2010.

_____. Reading Peirce differently: A response to David Dilworth. In: **Cognitio**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 257-271. jul./dez. 2011.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. **Curso de semiótica geral**. São Paulo: Quartier Latim, 2007.

_____. Os estágios da primeiridade. **Cadernos de semiótica aplicada (CASA)**. Araraquara, v. 2, n.1, 2004.

_____. O caráter dialógico e social do signo e do pensamento em Peirce. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 11, p. 23-29, 1985.

SOUZA, Emília Helena Portella Monteiro de. O onde e seus correlatos em *corpus* do século XVII e XVIII. In: **Tabuleiro de Letras** (Revista do programa de pós-graduação em estudo de linguagens da Universidade do Estado da Bahia - UNEB). Salvador, v. 1, n. 1, 2002?

Disponível em:

http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_01/pdf/artigo_vol01_07.pdf. Acesso em 11/02/2013.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino-Português**. 7.ed . Porto: Gráficos Reunidos, 1997.

YOUNG, William P. **A cabana**. São Paulo: Arqueiro, 2008.